



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS
CURSO DE HISTÓRIA

ADSON RAMON RODRIGUES MARTINS

A IDEIA DE SERTÃO DO BRASIL EM ANTONIL E CAPISTRANO DE ABREU

PICOS-PI
2014

ADSON RAMON RODRIGUES MARTINS

A IDEIA DE SERTÃO DO BRASIL EM ANTONIL E CAPISTRANO DE ABREU

Monografia apresentada por **Adson Ramon Rodrigues Martins** ao Curso de Licenciatura Plena em História, da Universidade Federal do Piauí, Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, como requisito parcial para a obtenção do diploma de **Graduado em História**. Elaborada sob orientação do prof. **Msc Mairton Celestino**.

Eu, **Adson Ramon Rodrigues Martins**, abaixo identificado(a) como autor(a), autorizo a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar, gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação abaixo discriminada, de minha autoria, em seu site, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, a partir da data de hoje.

Picos-PI, 20 de outubro de 2014.


Assinatura

FICHA CATALOGRÁFICA
Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí
Biblioteca José Albano de Macêdo

M386i Martins, Adson Ramon Rodrigues.
A Idéia de sertão do Brasil em Antonil e Capistrano de Abreu /
Adson Ramon Rodrigues Martins. – 2014.
CD-ROM : il; 4 ¾ pol. (67 p.)

Monografia(Licenciatura Plena em História) – Universidade Federal do
Piauí. Picos-PI, 2014.
Orientador(A): Prof. MSc. Mairton Celestino da Silva

1. Antonil. 2. Capistrano de Abreu. 3. Sertão. 4. História Colonial.
I. Título.

CDD 981.03

ADSON RAMON RODRIGUES MARTINS

A IDEIA DE SERTÃO DO BRASIL EM ANTONIL E CAPISTRANO DE ABREU

MONOGRAFIA APRESENTADA, COMO REQUISITO PARCIAL PARA A
OBTENÇÃO DO DIPLOMA DE GRADUADO EM HISTÓRIA. PELA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ.

Aprovada em 06/08/2014

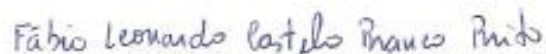
BANCA EXAMINADORA



Prof. Msc. Mairton Celestino da Silva (Orientador)

Mestre em História

Universidade Federal do Piauí



Prof. Msc. Fábio Leonardo Castelo Branco Brito

Mestre em História

Universidade Federal do Piauí

Prof. Msc. Mona Ayala Saraiva da Silveira

Mestre em História

Universidade Federal do Piauí

Dedico este trabalho primeiramente a Deus, por ser essencial em minha vida. Aos meus pais, Antônio e Maria dos Remédios, pelo esforço, dedicação e compreensão, em todos os momentos desta e de outras caminhadas, pelo incentivo, cooperação e apoio por compartilharem comigo os momentos de tristezas e também de alegrias, nesta etapa, em que, com a graça de Deus, está sendo vencida.

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer, em primeiro lugar, a Deus, pela força e coragem durante toda esta longa caminhada.

Aos meus pais, Antônio e Maria dos Remédios, minha irmã, Ana Raquel, padrinhos, tios e avós, agradeço a toda minha família, por estarem ao meu lado em todos os momentos, que, com muito carinho e apoio, não mediram esforços para que eu chegasse até esta etapa de minha vida.

Agradeço também a todos os professores do departamento de História da UFPI, por todos esses anos de transmissão de conhecimentos, pela convivência harmoniosa, pelas trocas de conhecimento e experiências que foram tão importantes na minha vida acadêmica/pessoal.

Agradeço imensamente ao Professor Msc. Mairton Celestino da Silva pela paciência na orientação e incentivo, compartilhando comigo as suas ideias, conhecimentos e experiências e que sempre me motivou. Quero expressar o meu reconhecimento e admiração pela sua competência profissional e minha gratidão pela sua amizade, por ser um profissional extremamente qualificado e pela forma humana que conduziu minha orientação, sendo responsável pela realização deste trabalho.

Aos professores Msc. Gleyson Monteiro, ao professor Dr. Francisco Nascimento, à professora Msc Marylu Oliveira e ao professor Dr. Johny Santana, pelo convívio, pelo apoio, pela compreensão e pela amizade.

Aos amigos em especial, Maria Anísia, Luan Abreu, (in memoriam), Mariana Martins, Dalila Mauriz, Micaella Martins, por todo apoio e cumplicidade. Porque mesmo quando distantes, estavam presentes em minha vida.

Aos colegas de classe em especial João Neto, Raniela Rauênia, Maria do Carmo, Miriam Rocha, Marleide Rocha, Paulo Bezerra, Sivanilson Araújo e Francisco Edimar, pelo incentivo e pelo apoio constantes, que de alguma maneira tornam minha vida acadêmica cada dia mais desafiante.

À banca de avaliadores, que muito prontamente e com grande entusiasmo aceitaram fazer parte desse momento tão importante em minha vida.

Deixa-a na sombra a todos os respeitos o povoamento do sertão, iniciando em épocas diversas, de pontos apartados, até formar-se uma corrente interior, mais volumosa e mais fertilizante que o tênue fio litorâneo.

(Capistrano de Abreu)

RESUMO

Este trabalho propõe debruçarmos sobre a visão de Sertão em Antonil e Capistrano de Abreu e suas respectivas obras *Cultura e Opulência do Brasil por suas drogas e minas* (1711) e *Capítulos de História Colonial* (1907). Partindo dessa premissa abordamos as referidas obras, buscando apresentar suas essências, suas características e, sobretudo, a visão de sertão que estes autores possuíam e impregnaram em suas obras, quando ao escrever acerca do Brasil Colonial e do povoamento das terras brasileiras e do desbravamento do sertão, bem como as riquezas que o Brasil dispunha a Portugal. Para dar maior embasamento teórico ao nosso estudo realizamos um levantamento bibliográfico a respeito do que diversos autores escreveram sobre Antonil e Capistrano e, também de suas obras, procurando intercala-los à medida que analisávamos cada um desses estudos e a visão oferecida de sertão em cada um dos autores. Para finalizar nosso estudo buscamos fazer um contra ponto entre as obras de Antonil e Capistrano de Abreu, observando suas similaridades e peculiaridades, o que levou-nos a conclusão de que estas obras, ao endereçarem seu foco para aspectos diferentes do Brasil Colônia se complementam a medida que apresentam fatos a respeito do território brasileiro e sua história no período colonial.

Palavras-chave: Antonil. Capistrano de Abreu. Sertão.

ABSTRACT

This paper proposes a dedicated study about the vision and Hinterland in Antonil and Capistrano de Abreu and their works *Culture and the Opulence Brazil for its drugs and mines* (1711) and *Chapters Colonial History* (1907). Based on that approach those works, seeking to present their essences, their characteristics, and especially the vision of backwoods that these authors had impregnated and in his works, when writing about Colonial Brazil, the Brazilian land settlement, clearing of hinterland, and the wealth that Brazil had to Portugal. To give a more theoretical basis of our study we performed a literature about the various authors who have written about Antonil and Capistrano, and also of his works, seeking merges them as we analyzed each of these studies and the vision offered in each of backcountry one of the authors. To complete our study we seek to make a counter point between the works of Antonil and Capistrano de Abreu, observing their similarities and peculiarities, which led us to the conclusion that these works, in their focus to different aspects of colonial Brazil complement their self as present facts about Brazil and its history in the colonial period.

Keywords: Antonil. Capistrano de Abreu. Hinterland.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 01: Página do livro de Antonil 1ª Impressão 1711.....	47
Imagem 02: Capa da primeira impressão do livro Cultura e Opulência do Brasil....	50
Imagem 03: Página da primeira impressão de Cultura e Opulência do Brasil.....	51
Imagem 04: Página da primeira impressão de Cultura e Opulência do Brasil.....	52
Imagem 05: Página da primeira impressão de Cultura e Opulência do Brasil.....	57

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
1 O SERTÃO BRASILEIRO NA VISÃO DE ANTONIL.....	15
1.1 Antonil: O homem e sua Obra.....	16
1.2 Cultura e Opulência do Brasil: A Economia do Brasil e a Visão de Sertão do Brasil na obra de Antonil.....	19
2 O SERTÃO BRASILEIRO NA VISÃO DE CAPISTRANO DE ABREU.....	30
2.1 Capistrano de Abreu e seus Capítulos de História Colonial.....	30
2.2 Capítulos de História Colonial e a Visão de Sertão em Capistrano de Abreu.....	34
3 A IDEIA DE SERTÃO DO BRASIL EM ANTONIL E CAPISTRANO DE ABREU	46
3.1 Capistrano e Antonil as Visões que se Complementam em torno do Brasil Colonial e do Sertão Brasileiro.....	46
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	60
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	62
ANEXOS.....	64

INTRODUÇÃO

Capistrano de Abreu e Antonil são nomes de grande importância à historiografia brasileira à medida que ambos, cada um dá sua forma, apresentaram o Brasil Colonial em suas riquezas e especificidades. Seus trabalhos são de fundamental importância para a historiografia brasileira à medida que interpretaram o Brasil compreendendo as subjetivações do país.

O motivo de valorizarmos, bem como analisarmos e construirmos este trabalho acadêmico em torno das obras *Cultura e Opulência do Brasil e Capítulos de História Colonial* deve-se ao fato de as mesmas apresentarem o sertão como um espaço privilegiado, onde se deu o processo de formação do povo brasileiro, sendo que constitui-se em uma perspectiva que se contrapõe ao ponto de vista então vigente que dava ênfase a tudo aquilo que acontecia no litoral no período de colonização.

Assim, compreendemos que os trabalhos de João Capistrano de Abreu e André João Antonil trazem para o cenário da historiografia uma nova visão acerca do sertão e de seu papel relevante na formação da nação brasileira a partir do mesmo, desse modo, ao longo deste estudo, procuramos observar qual a visão de sertão que foi construída foi Capistrano de Abreu e Antonil.

Buscando compreender as contribuições de Capistrano de Abreu e Antonil para o estudo do Brasil Colonial, observamos que ambos apresentaram uma visão de sertão problema, criada a partir do litoral, lançando um olhar sobre o Brasil de dentro e destacaram a importância da economia, da riqueza, da terra do sertão e também relevaram a figura do sertanejo, partindo do pressuposto de que tanto o sertão quanto o sertanejo são elementos preponderantes na formação do povo brasileiro.

Para a realização deste trabalho empreendemos uma pesquisa bibliográfica que nos possibilitou procurar respostas a respeito da contribuição de Capistrano e Antonil para a compreensão do sertão como espaço rico e privilegiado, que apesar de aparentar pequena contribuição para a economia metropolitana, era diversificada e tinha muito a oferecer a mesma.

Os estudos de Capistrano e Antonil serviram para que muitos historiadores passassem a enxergar o povoamento do sertão como o momento em que a nação brasileira foi fundada. Foi ao perceber este fato, que acendeu o desejo de

aprofundar-se nesta temática e de problematizar o sertão como espaço privilegiado do Brasil, fugindo das interpretações que sempre colocaram o litoral como espaço fundamental a ser estudado para a compreensão da formação da sociedade brasileira.

Nesta perspectiva, entendemos que a compreensão da relevância do sertão no processo de formação do povo brasileiro é de suma importância para o desenvolvimento da historiografia, assim acreditando que Capistrano e Antonil retratam muito bem o processo de povoamento do sertão, foi que surgiu o interesse de se construir este estudo que trouxesse para a luz os nomes destes importantes estudiosos do sertão, que de uma forma muito peculiar e perspicaz demonstraram as riquezas do mesmo, Antonil, um jesuíta italiano, muito tempo presente em um Engenho no Recôncavo da Bahia, conhecendo tão bem o processo de produção açucareira, dando espaço privilegiado a este no decorrer de sua obra, e apresentando dados e estatísticas a respeito não só da riqueza do açúcar, mas do tabaco, da pecuária e a riqueza e a febre das minas de ouro. Capistrano, um brasileiro, nascido no Ceará, sensível a perseguição violenta, bruta, cruel empreendida pelos bandeirantes aos indígenas, bandeirantes estes que Capistrano reconhece como brasileiros, bem como reconhece, assim, a crueldade do brasileiro contra os habitantes originais do Brasil.

O interesse em construir um estudo que tratasse das obras de Antonil e Capistrano, surgiu ao longo do curso de história, quando ao entrar em contato com as obras destes autores em algumas disciplinas despertou o meu interesse em compreender de que forma estes autores enxergavam o sertão, qual a importância que atribuíam a estas terras e de que forma suas obras contribuíram e, ainda, contribuem para o estudo do Brasil Colonial, sendo que o primeiro impulso de estudá-lo partiu da suposição de que o sertão foi lugar de onde se deu a formação da nação brasileira.

Para a consolidação deste trabalho utilizamos como metodologia a pesquisa bibliográfica, onde além de analisarmos as obras que se constituem a gênese deste trabalho, *Capítulos de História Colonial e Cultura e Opulência do Brasil por suas Drogas e Minas*, buscamos os trabalhos de autores que discutiram as obras de Capistrano e Antonil, assim, os estudos de Marquese (2004), Silva (2011), Reis (2000), Voss (2012) e Barros (2010) foram essenciais para que pudesse pensar este tema, e colocá-lo nos moldes que aqui se encontra à medida que estes autores

apresentaram aspectos das obras de Antonil e Capistrano de Abreu e discutiram sua relevância para a historiografia brasileira.

Este trabalho divide-se em três capítulos, o primeiro trata da visão de sertão contida na obra de Antonil *Cultura e Opulência do Brasil por suas Drogas e Minas*, onde procuramos analisar o propósito do livro de Antonil, bem como apresentar a ideia de sertão contida no mesmo.

O segundo capítulo aborda a obra de Capistrano de Abreu, *Capítulos de História Colonial* buscando apresentar sua essência e, principalmente, considerar a visão de sertão apresentada por este autor em sua obra.

O terceiro e último capítulo traz um contraponto entre as obras de Antonil e Capistrano, buscando analisar as especificidades que as mesmas apresentavam, bem como suas similaridades.

Assim, convidamos o leitor a debruçar-se sobre as obras destes autores e observar sua essência, bem como reconhecer a importância das mesmas para o conhecimento do sertão brasileiro quando do período colonial e, assim, perceber a visão que Antonil e Capistrano tinham do mesmo.

1 O SERTÃO BRASILEIRO NA VISÃO DE ANTONIL

As terras brasileiras conquistadas dos indígenas pelos portugueses a partir de 1500 vem a apresentar-se de forma contraditória, posto que, Pero Vaz de Caminha a compreende como um paraíso, bem como, também, a compreendem ideólogos que, assim como Caminha, tem nas terras que compõe o Brasil uma visão de Jardim do Éden, enquanto os Jesuítas, por exemplo, percebem sua natureza tropical como um perigo, repleto de surpresas e, ainda encafifa, assim como terrível. De modo que o Brasil mostra-se como uma natureza intocada, abastada, porém bruta. (OLIVEIRA, 1998).

Assim o sertão brasileiro é permeado, da mesma forma, pela contradição, onde algumas vezes as considerações apresentam-se de forma positiva, outras perpassam uma avaliação negativa destas terras.

Visto pelo homem da cidade o sertão é algo estranho, desconhecido, visto pelos bandeirantes o sertão era o lugar de se buscar por riquezas, para os governantes portugueses o mesmo era lugar de exílio, castigo para criminosos, o sertão era, ainda, tido como lugar de liberdade, bem como de esperança para aqueles que viam-se expulsos da colônia. (OLIVEIRA, 1998).

Deveras, o sertão traz em si uma dualidade, posto que sua visão, dependendo de quem o vê e de onde o vê, variava do bem e do mal, do bom ou ruim, do inferno ou de paraíso.

Lugar pouco povoado, distante demais do litoral, terras nada cultiváveis, lugar de um povo extraordinariamente forte, capaz de lidar com as mais diferentes adversidades na luta pela vida, pela sobrevivência, esse é o espaço geográfico e social que é identificado por sertão. Como é possível perceber pelo ideário brasileiro parece não haver apenas um sertão, mas sim vários sertões.

Relevando a literatura acerca do sertão percebe-se que a mesma apresenta-se a princípio na forma de regionalismo, como figura de nacionalidade e em seguida o mesmo transforma-se em conto sertanejo trazendo em si o sentimentalismo, é o século XIX e começo do XX, momento em que advém, também, a visão cientificista, mais precisamente o final do século XIX, que denota o sertão como, basicamente, o contrário da nação sonhada, visto que apresenta uma população miscigenada, tal visão baseia-se em explicações raciais. (OLIVEIRA, 1998)

Mediante este breve relato acerca do sertão, que fazem surgir questionamentos, bem como curiosidades acerca do mesmo, chega-se ao objetivo desejando deste capítulo, que é observar a visão de sertão trazida pela obra “Cultura e Opulência do Brasil” de André João Antonil. Que nos apresenta aspectos fidedignos do sertão do século XVIII.

1.1 Antonil: O Homem e Sua Obra

André João Antonil, pseudônimo de João António Andreoni, foi um jesuíta italiano que no século XVII e XVIII ocupou na Bahia cargos de grande importância. De acordo com Silva (2011, p. 1) o Padre Serafim, que sempre buscou aprofundar seus conhecimentos sobre a história dos jesuítas em solo brasileiro, conseguiu algo a respeito da vida do Jesuíta Antonil, de acordo com a autora:

O padre Serafim Leite (1890-1969), incansável investigador da história dos jesuítas no Brasil, chegou a levantar dados biográficos sobre o autor de *Cultura e opulência no Brasil*. Segundo a pesquisa do religioso, Andreoni nasceu no dia 8 de fevereiro de 1649 em Lucca (Toscana) e se formou em Direito pela Universidade de Perugia. Assim que foi admitido na Companhia de Jesus em Roma, em 20 de maio de 1667, conheceu o padre Antônio Vieira, relacionamento que incutiu nele o desejo de vir para o Brasil, em janeiro de 1681. Já na Bahia, em agosto de 1683, o padre Andreoni assumiu o ensino de várias disciplinas no Colégio dos Jesuítas. Foi nomeado Provincial em 1705 e por duas vezes reitor do Colégio da Bahia. Excelente jurista, foi confessor de dois governadores gerais – o marquês das Minas e D. João de Lencastre – e gozou da inteira confiança do arcebispo D. Sebastião Monteiro de Vide. Muito estimado na Corte de Lisboa, obteve a suspensão de cartas régias que proibiam os religiosos estrangeiros de desempenhar cargos importantes e obrigavam os jesuítas italianos concentrados no Colégio da Bahia a serem dispersados. Morreu na Bahia no dia 13 de março de 1716, aos 67 anos. (SILVA, 2011, p.1)

Assim, Antonil era um padre italiano que veio de Luca, na Toscana, sendo relevante destacar seu lugar social, posto que nos ajuda a compreender as condições de produção de sua obra. O jesuíta Antonil saiu da Itália e foi para Lisboa e de lá partiu para o Brasil por intermédio de uma amizade com o padre Antônio Vieira, em solo brasileiro fez sua vida na Bahia, onde o mesmo viria a falecer em 1716 com 67 anos de idade. Ele esteve muito tempo presente em um Engenho no Recôncavo da Bahia, portanto conhecia muito bem detalhes da economia do açúcar.

Destacou-se em várias áreas, percebemos que era um homem estimado no Brasil e também em Portugal, que o tinha como um legítimo português, sua inteligência e influência foram usadas também para persuadir, como na questão em que os religiosos estrangeiros só podiam permanecer em Colégios na Bahia e, também, não podiam exercer cargos importantes, Antonil por sua influência na Corte consegue a suspensão de tal proibição.

Como já mencionamos Antonil construiu sua vida na Bahia, portanto o lugar social de onde ele parte para escrever sua obra é o lugar rico em engenhos de açúcar, onde ele próprio fez estadia no Recôncavo Baiano, daí o seu maior interesse em tratar da economia açucareira, sua defesa em torno da produção desse gênero, o lugar social de onde caminha Antonil é o solo baiano, são os engenhos baianos, que influenciam fortemente sua escrita, o jesuíta Antonil era estimado pela Coroa Portuguesa de tal maneira que o confundiam com um português, era, então, a riqueza que o Brasil oferecia para Portugal que influenciou a escrita de sua obra. Michel de Certeau (1982) apresenta este pressuposto que é aqui apresentado entre Antonil e sua obra, de que o lugar em que o historiador está inserido tem forte relevância na produção de seu trabalho, sendo que Certeau (1982) acredita que a prática historiográfica ocorre a partir da sua relação com o lugar no qual foi concebida sua produção, que se constitui por uma situação social onde existirão marcas traçadas explicitamente, enquanto outras inúmeras permanecem implícitas e são essenciais para que o trabalho do historiador seja completo.

Cultura e Opulência é uma obra rica em detalhes a respeito da vida econômica brasileira no século XVIII, motivo pelo qual a mesma foi perseguida, a temor de que despertasse o interesse de nações europeias. Neste livro Antonil descreveu de forma séria e precisa as principais fontes econômicas do Brasil, a cana de açúcar, a mineração do ouro, bem como o cultivo do tabaco e a criação do gado. Ainda conforme Silva (2011, p. 1):

[...] Serafim Leite quem colocou o motivo da apreensão do livro na devida conjuntura histórica, associando-a às disputas pelas minas de ouro no começo do século XVIII e aos ataques que o Brasil sofreu naquela época por parte dos espanhóis (ocupação da Colônia do Sacramento, 1705) e dos franceses (ataque ao Rio de Janeiro por Duguay-Trouin, 1710), justificando os receios dos membros do Conselho Ultramarino.

O fato de esta obra conter detalhes por demais ricos em relação às fontes econômicas brasileiras no século XVIII fez com que a mesma fosse perseguida, mediante o medo de que viesse a causar o interesse das nações europeias. Os membros do Conselho Ultramarino tiveram receio de que a obra de Antonil viesse a colocar ainda mais fervor nos espanhóis e franceses que já haviam empreendido ataques ao Brasil em uma tentativa de ocupação de seu território.

Perseguida a priori quando de sua publicação, a obra de Antonil foi confiscada e proibida de circular devido ao temor que causou na Coroa Portuguesa, pois a mesma via tantas informações detalhadas sobre as minas e as drogas da Colônia brasileira, de grande importância para Portugal, como algo perigoso a se divulgar, poucos exemplares escaparam de tamanha perseguição e a fonte para a compreensão da vida econômica do Brasil, assim como o social teve seu relevante papel desempenhado em meados do século XIX quando foi reeditada no Rio de Janeiro.

Marquese (2004, p.56) comenta, acerca, da obra escrita por Antonil, pseudônimo de João Antônio Andreoni, e colabora para que conheçamos um pouco do homem Antonil e sua obra.

João Antonio Andreoni era um jesuíta italiano radicado havia longa data na Bahia, mais especificamente desde 1681. Entre 1693 e 1698, Andreoni escreveu um tratado agrônomo sobre a cultura da cana e o fabrico do açúcar, baseando-se em observações diretas fitas no Engenho do Conde, localizado no Recôncavo baiano e pertencente à Companhia de Jesus. Na primeira década do século XVIII, ao perceber a necessidade de ampliar o escopo de seu texto original, por conta das novas condições coloniais advindas com a montagem do núcleo mineratório no interior da América portuguesa, Andreoni redigiu mais três tratados, respectivamente sobre o fumo, as minas de ouro e a pecuária. Reunidos, os quatro tratados foram publicados, em 1711, com o título Cultura e opulência do Brasil por suas drogas e minas, sob o pseudônimo de Andre João Antonil.

Como viveu na Bahia Antonil conheceu de perto a produção açucareira, então se dedicou inicialmente a escrever sobre seu processo de produção, ao passar do tempo, e com o surgimento de novas fontes econômicas, sobretudo, o desenvolvimento da atividade mineradora faz com que dedique parte de sua obra a tratar de outras atividades econômicas do Brasil Colonial, como a já referida atividade mineradora que ele considerava ser ruim para os negócios do açúcar, visto

que a mesma fazia com que este perdesse sua importância, à medida que os senhores de engenho deixavam de investir na mesma para investirem nas minas.

Retornando a Silva (2011) vale ressaltar que este autor acredita que *Cultura e Opulência por suas Drogas e Minas* é rica em aspectos acerca da vida das pessoas que inseriam-se na economia do século XVIII, a qual a autora faz questão de mencionar que era uma sociedade escravista, onde o suor e o sofrimento do trabalho escravo sustentava e enriquecia o Império, que se via ameaçado pelos países estrangeiros que configuravam-se como potências econômicas da época.

É válido, antes de passarmos a analisar os principais aspectos da obra de Antonil, já que referimo-nos a escravidão, que é perceptível perante a leitura de Antonil que este jesuíta em hipótese alguma posicionou-se contra o regime escravista, o enxergava apenas como mantedor da produção açucareira dos engenhos.

1.2 *Cultura e Opulência do Brasil: A Economia do Brasil e a Visão de Sertão do Brasil na Obra de Antonil*

Foi no século XVII, mais precisamente na segunda metade deste, que a América portuguesa, tendo em vista o projeto colonial, passou por um processo de interiorização, isso ocorreu após a expulsão dos holandeses do nordeste brasileiro. Assim, o sertão foi adentrado através das expedições em busca de metais preciosos, dos índios, negros da terra como eram chamados pelos bandeirantes e colonizadores, também pelas ações missionárias e, ainda, pela expansão da pecuária, bem como o a produção açucareira. (FORTE, 2014).

Neste contexto de penetração do sertão a obra de Antonil vem a denunciar as opulências brasileiras do período colonial, nos trazendo uma visão do sertão brasileiro e detalhando a economia da época.

A primeira parte de *Cultura e Opulência do Brasil* vem a tratar do ciclo econômico da cana de açúcar, onde Antonil esmiúça todo o processo da economia açucareira a começar pelo Senhor de Engenho aos valores das caixas de açúcar, bem como o valor que o Brasil fazia cada ano com o mesmo. Nessa discussão sobre o açúcar podemos iniciar, como já mencionado, pela figura do Senhor de Engenho, que conforme Antonil (1982) era um título almejado por muitos, posto que trazia consigo o respeito e a obediência de muitos. Em seguida Antonil argumenta

sobre a importância de o Senhor de Engenho em conhecer a qualidade das terras que vai comprar para o cultivo da cana. A mão de obra empregada no Engenho, sobretudo, o feitor-mor e outros feitores menores que cuidam da moenda, das fazendas e dos partidos de cana. Segundo Antonil (1982, p. 28):

OS BRAÇOS DE QUE SE VALE (grifo do autor) o senhor do engenho para o bom governo da gente e da fazenda, são os feitores. Porém, se cada um deles quiser ser cabeça, será o governo monstruoso e um verdadeiro retrato do cão Cérbero, a quem os poetas fabulosamente dão três cabeças. Eu não digo que se não dê autoridade aos feitores; digo que esta autoridade há de ser bem ordenada e dependente, não absoluta, de sorte que os menores se hajam com subordinação ao maior, e todos ao senhor a quem servem. Convém que os escravos se persuadam que o feitor-mor tem muito poder para lhes mandar e para os repreende e castigar quando for necessário, porém de tal sorte que também saibam que podem recorrer ao senhor e que hão de ser ouvidos como pede a justiça.

Conforme Marquese (2004) Antonil concebia uma hierarquia entre aqueles que estavam presentes no trabalho do engenho, onde Antonil acreditava que o feitor-mor deveria ser instruído cautelosamente pelo o senhor de Engenho para que seu trato com os escravos fosse dosado e cuidadoso, pois a primeira função do feitor-mor era manter a ordem entre os escravos e isso só seria possível se sua autoridade fosse reconhecida pelos cativos. Assim, Antonil mostrou a definição dos papéis daqueles que compunham um Engenho, onde o senhor de engenho era o árbitro supremo de seus domínios e caso o feitor-mor usasse de excessos com os escravos estes acabariam por se reportarem diretamente ao seu senhor.

A relação do senhor de engenho com os escravos é, desse modo, relevante na obra de Antonil a explicar a produção de açúcar, ele considera que “os escravos são as mãos e os pés do senhor de engenho, porque sem eles no Brasil não é possível fazer, conservar a aumentar a fazenda, nem ter engenho corrente”. (ANTONIL, 1982, p. 31). Os escravos são elementos preponderantes na produção do açúcar, são os braços necessários para que seja possível gerar riqueza nos engenhos.

A fala de Antonil acerca da relação do senhor de engenho com o escravo nos remete a Marquese (2004) que afirma que um dos assuntos de que mais se ocupou Antonil em *Cultura e Opulência do Brasil por suas Drogas e Minas* foi o governo de escravos, Antonil, assim, analisa os problemas que envolvem o governo dos

mesmos. A relação entre aqueles que habitavam o Engenho era delicada, constituindo laços importantíssimos e frágeis entre o feitor e os escravos.

Para Marquese (2004) Antonil alertava que um governo tirano por parte do senhor de engenho acabaria fazendo com que os escravos se revoltassem e atentassem contra a própria vida ou contra a vida de quem lhes tratara mal, dessa forma, havia o senhor de engenho de ponderar no trato com os escravos e lhes oferecer em medidas certas comida, castigo e trabalho.

Ainda conforme Marquese (2004) Antonil prescreveu os padrões ideias de comportamento que os senhores de escravos deveriam observar nos mesmos e em suas propriedades rurais, assim Antonil apontou falhas e erros dos senhores de escravos brasileiros e portugueses no comando de seus cativos, o que Antonil, bem como outros jesuítas proferiram, segundo o autor, foi que devido ao afastamento da moralidade católica os proprietários da América portuguesa haviam se tornado incapazes de governar de modo adequado seus escravos.

Após descrever a forma como é feita a escolha das terras para o cultivo da cana-de-açúcar, o qual Antonil informa que se roça a terra, queima-se e faz a limpeza, tirando tudo que possa embaraçar e então se abre os regos. Em seguida Antonil (1982, p.36) fornece um relato acerca da plantação de cana em alguns lugares da Bahia.

A planta da cana, nos lugares altos da Bahia, começa desde as primeiras águas no fim de fevereiro ou nos princípios de março e se continua até o fim de maio; e nas baixas e várzeas (que são mais frescas e úmidas), planta-se também nos meses de julho e agosto, e por alguns dias de setembro. Toda cana que não for seca ou viciada, nem de canudos muito pequenos, serve para plantar. De ser a terra nova e forte, segue-se o crescer nela a cana muito viçosa, e a esta chamam cana brava, a qual, a primeira e segunda vez que se corta, não costuma fazer bom açúcar, por ser muito aguacenta. Porém, daí por diante, depois de esbravejar a terra, ainda que cresça extraordinariamente, é tão boa no rendimento como fermosa na aparência; e destas, às vezes se acham algumas altas sete, oito e nove palmos, e tão bem postas no canavial como os capitães nos exércitos.

De grande importância na descrição da produção canavieira por Antonil é sua concepção a respeito dos inimigos do canavial, onde para ele, as severidades do céu eram, sem dúvida, o maior de todos eles. A chuva e a seca são mencionadas por Antonil quando lembra que os canaviais resistem mais a chuva do que a seca,

ressalta que a cana da Bahia precisa de água nos meses de outubro, novembro e dezembro e também de sol, mas esse não falta. O capim é citado como um dos inimigos mais comuns e amofino da cana. Animais, como a cabra e o porco, são também mencionados como malfeitores a plantação canavieira.

O processo do corte da cana e sua condução até o engenho, deste para a casa de moer, bem como o funcionamento da moenda, da quantidade de pessoas que se necessita para o trabalho de moer a cana, a casa de fornalha, caldeiras, bem como todo o processo de purificar, coar, cozer e bater o melado, sua estada na casa de purgar, o modo de mascavar, secar, pesar e encaixar o açúcar, bem como os preços das caixas de açúcar e do valor que o Brasil alcança todos os anos se faz com o açúcar, tudo é minuciosamente detalhado por Antonil.

Para encerrar sua discussão acerca do ciclo econômico do açúcar, Antonil, vem a tratar dos martírios, que segundo ele, a cana padece desde o seu nascimento até o momento em que sai do Brasil. Conforme Antonil a cana foi dada pelo Criador para que levasse doçura ao paladar dos homens, estes, porém apropriaram-se de inúmeros artifícios e instrumentos para na intenção de multiplicarem sua produção.

A riqueza de detalhes acerca da produção de açúcar investida por Antonil mostra o quão interessado na prevalência deste gênero na economia brasileira o autor estava, pois acreditava que o açúcar era a grande riqueza do Brasil, este tratado escrito por Antonil acerca do açúcar parece querer alertar Portugal e os senhores de Engenho para a sua valorização.

Antonil retrata a produção do açúcar, bem no momento em que a mesma enfrenta uma crise, advinda, conforme o autor, do desenvolvimento da mineração, desse modo o Padre Antonil vai defender que a lavoura açucareira carece de investimentos. Nessa perspectiva Alexandre (2012, p. 1) argumenta:

Para o padre, a organização econômica do Brasil gravitava em torno do açúcar e essa era a maior riqueza da colônia. Em um contexto em que a escravidão é a principal relação de trabalho, Antonil vê o empreendimento açucareiro a partir de dois enfoques distintos e complementares. Por um lado, a atividade nos engenhos é vista como a principal atividade econômica da colônia. Por outro lado, é o caminho para a conversão dos escravos, dando continuidade ao trabalho missionário da Companhia de Jesus no Brasil e fortalecendo a Coroa de Portugal.

Como Padre, Antonil permeia sua obra de referências à religião, como nos foi possível perceber em algumas passagens quando ao tratar da lavoura da cana, é importante salientar que a boa convivência entre o Senhor do Engenho e aqueles que o cercavam, bem como com outros Senhores de Engenho era recomendada pelo Padre, afim de que não sofressem castigos divinos e que seu trabalho não fosse prejudicado. Embora, Marquese (2004) afirme que devido ao seu compromisso com o caráter mercantil da colonização do Brasil privilegiou a economia açucareira e colocou a religião e a moral em um plano inferior, ainda assim “sua visão sobre o engenho nos possibilita entender melhor a defesa que ele faz daquela organização e, principalmente, permite visualizar as relações entre o poder eclesiástico, representado pela Igreja Católica, e o poder temporal, representado pelo Estado Português”. (ALEXANDRE, 2012, p. 2).

Para Marquese (2004) a primeira parte da obra de Antonil se destina a cumprir dois grandes objetivos que é valorizar o açúcar, por este ser de difícil fabrico e ser mais importante para o império lusitano do que as minas de ouro, que consiste no primeiro objetivo e o segundo objetivo que é servir como um guia de notícias práticas para auxiliar aquele que iniciasse a administração de um engenho. Assim no que se refere à opulência do açúcar, Antonil descreveu a forma ideal de fazer o mesmo, com todos os detalhes de suas etapas e depois descreveu as normas que deveriam conduzir as relações entre os senhores de engenho e todos aqueles que para ele trabalhavam. Assim, o objetivo maior de Antonil não foi apenas os escravos e sim o governo dos engenhos, aos quais ele enxergava como um universo próprio e autônomo.

A segunda parte de *Cultura e Opulência do Brasil* trata da riqueza proveniente da lavra do tabaco. Uma das primeiras informações prestadas por Antonil a respeito do cultivo do tabaco no Brasil é o fato de o mesmo possuir grande fama nos quatro cantos do mundo, faz o autor uma comparação do tabaco com o açúcar, sendo este último conhecido em todos os reinos e províncias da Europa, assim, nas palavras de Antonil (1982, p.59) encontra-se menção a introdução do tabaco no Brasil, bem como ao início da plantação do mesmo no sertão brasileiro, assim, conforme o autor:

SE O AÇÚCAR DO BRASIL (grifo do autor) o tem dado a conhecer a todos os reinos e províncias da Europa, o tabaco o tem feito muito

mais afamado em todas as quatro partes do mundo, nas quais hoje tanto se deseja, e com tantas diligências e por qualquer via se procura. Há pouco mais de cem anos que esta folha se começou a plantar e beneficiar na Bahia; e vendo o primeiro que a plantou o lucro, posto que moderado, que então lhe deram umas poucas arrobas, mandadas com alguma esperança de algum retorno a Lisboa, animou-se a plantar mais, não tanto por cobiça de negociante, quanto por se lhe pedir dos seus correspondentes e amigos que a repartiam por preço acomodado, porém já mais levantado. Até que, imitado por vizinhos, que com ambição a plantaram e enviaram em maior quantidade, e, depois, de grande parte dos moradores dos campos, que chamam da Cachoeira, e de outros do sertão da Bahia, passou pouco a pouco a ser um dos gêneros de maior estimação que, hoje saem desta América meridional para o Reino de Portugal e para os outros reinos e repúblicas de nações estranhas. E, desta sorte, uma folha antes desprezada, e quase desconhecida, tem dado e dá atualmente grandes cabedais aos moradores do Brasil e incríveis emolumentos aos erários dos príncipes.

Haja vista as palavras de Antonil é possível perceber que ao iniciar-se no Brasil as plantações de tabaco, foi logo percebido que a mesma geraria lucro, assim, alguns movidos pela ambição empreenderam sua plantação em maior quantidade, estendendo-se, a mesma, alcançou o sertão da Bahia.

Após dar sua primeira impressão acerca da fama do tabaco e do advento de seu cultivo no Brasil, Antonil vem a detalhar em que consiste toda a lavoura do tabaco, oferecendo ricos detalhes a respeito de como semeá-lo, plantar, limpar, colher e pisar, entre outros. Antonil vem também a informar às pessoas que são necessárias em todo o processo fabril do tabaco, informando que no cultivo do mesmo trabalham tanto homens quanto mulheres, feitores e servos e há na indústria do tabaco um papel para cada um deles, embora nem todos sirvam para qualquer atividade, Antonil menciona que há negros envolvidos na fábrica do tabaco.

Antonil minudencia o modo do despacho do tabaco na alfândega da Bahia nesta tarefa nos permite observar a relevância da produção do mesmo no sertão da Bahia, o tabaco antes desprezado constituiu-se em um gênero de grande valor econômico, sua significância é percebível no que o autor discorre sobre seu despacho, de acordo com Antonil (1982, p. 64):

BENEFICIADO E ENROLADO O TABACO (grifo do autor), e pago o seu dízimo a Deus, que é de vinte arrobas uma (e rende este dízimo, um ano por outro, dezoito mil cruzados, como consta do arrendamento do dízimo que se tira da Cachoeira da Bahia, e suas freguesias anexas, fora o que se lavra pelas mais partes do sertão

dela em Sergipe del Rei, Cotinguiba, Rio Real, Ihanmbupe, Montegordo e Torre, que apartado do rendimento do dízimo do açúcar e mais meunças rende dez até doze mil cruzados), vem pagando seus carretos e fretes para a cidade da Bahia até se meter em uma sua própria alfândega, aonde se despacham para Lisboa um ano por outro, de vinte e cinco mil rolos para cima, os quais pagam, por um contrato da Câmera, a setenta réis por cada rolo, e destes tem El-Rei a terceira parte, e as duas são para o presídio da mesma cidade, que importam cinco mil cruzados.

Após a menção do despacho do tabaco na alfândega da Bahia, os preços do rolo de tabaco de oito arrobas posto da Bahia na alfândega de Lisboa e a valorização do tabaco, tanto no Brasil quanto na Europa e o contrabando do mesmo que leva muitas famílias a ruína e a duras penas os contrabandistas, são relatados por Antonil em sua conclusão a respeito da economia do tabaco.

Assim, Antonil passa a terceira parte de seu livro a informar sobre a Cultura e Oculência do Brasil através das minas de ouro. A atividade mineradora é, para Antonil, motivo da decadência da economia açucareira, assim, a mineração para Antonil é uma atividade negativa, a qual o jesuíta não assistiu pessoalmente para relatar em sua obra, mas colheu informações de terceiros.

Alexandre (2012, p.7) acredita que o objetivo de Antonil em sua obra é mostrar que a atividade mineradora, embora, atrativa, era bastante prejudicial ao Brasil e, também, para Portugal. Então, o que Antonil faz na terceira parte de seu livro é fornecer:

um leque de informações vasto sobre as técnicas e os métodos empregados na extração de metais. Garimpando em profundidade os meandros da atividade mineradora, o autor localiza os principais veios de extração de minérios, identifica quais eram os grupos sociais que afluíam para aquelas regiões sempre atentando para as consequências danosas que o trabalho nas minas vinha trazendo para a colônia.

A atividade mineradora é, no Brasil Colonial, responsável pelo deslocamento das mais diferentes esferas sociais para as áreas de mineração, isso faz com que haja um imenso deslocamento, não só populacional, mas, também de verbas, para as áreas mineradoras, até mesmo os senhores de engenho passaram a investir na busca pelo ouro e pela prata nas minas em detrimento de seus engenhos, posto que ao invés de empregarem dinheiro na produção de açúcar o desviaram para a atividade mineradora.

A primeira parte da obra de Antonil dedicada à atividade mineradora destaca a descoberta das minas de ouro no Brasil, de seu rendimento e da qualidade do ouro. Nessa perspectiva é relevante observar, no desenrolar deste capítulo, que Antonil vê a sede pelo o ouro como algo incansável que estimulou muitos a deixarem seu lugar e irem para os difíceis caminhos das minas. Aqui Antonil, mais uma vez faz referência ao sertão, quando ao destacar que dos sertões do Brasil muitos saiam e rumavam as minas. Também ao descrever sobre os caminhos que levavam às minas e ao citar o caminho a partir da Bahia, Antonil já nos dava indicações da última atividade a ser discutida em sua obra a pecuária, ao observar que o caminho embora apresentasse várias dificuldades, era bom para as cavalgadas, devido já ser aberto para as boiadas, que de fato foram marcantes no povoamento do sertão.

O sucesso das minas de ouro levou, como já mencionado anteriormente, um considerável número de pessoas para essas regiões, o problema para Antonil é que essas pessoas saiam, muitas vezes, dos engenhos, sendo que os próprios senhores de engenho passaram a investir nas minas e com isso estagnaram o engenho, bem como seus escravos endereçaram-se as minas. Lavradores, pessoas ricas e pobres também partiram para as minas na intenção de encontrar metais preciosos. Antonil criticava o fato de a exploração das minas estimular a cobiça e buscar somente o lucro fácil. Ainda criticou o fato de a riqueza conseguida pelos mineiros não ser utilizada para a produção de mais riqueza, mas sim em prostituição e festas.

A última atividade relatada por Antonil em *Cultura e Opulência do Brasil*, enfim vem a nos trazer maiores detalhes da visão deste jesuíta acerca do sertão brasileiro. O sertão que Antonil apresenta é alargado, grandes extensões de terra que se ocupam com a pecuária, com o gado que, praticamente, em todo o Brasil encontra currais. A descrição da pecuária realizada por Antonil faz perceber que a opulência também estava presente no sertão.

Ao tratar da pecuária e ao observar que o Brasil possuía terras por demais privilegiadas para o pasto, Antonil vem a observar a condução das boiadas pelo o sertão e salientar o preço ordinário do gado que era abatido e do que ia para as fábricas. Ao se tratar da pecuária, logo encontramos em Antonil (1982, p.84) uma classificação que o mesmo faz do sertão da Bahia que segundo ele, se estendia:

até a barra do rio de São Francisco, oitenta léguas por costa; e indo para o rio acima, até a barra que chamam de Água Grande, fica distante a Bahia da dita terra cento e quinze léguas; de Centocê, cento e trinta léguas; de Rodelas por dentro, oitenta léguas; das Jacobinas, noventa; e do Tucano, cinqüenta. E porque as fazendas e os currais do gado se situam aonde há largueza de campo, e água sempre manante de rios ou lagoas, por isso os currais da parte da Bahia estão postos na borda do rio de São Francisco, na do rio das Velhas, na do rio das Rãs, na do rio Verde, na do rio Para-mirim, na do rio Jacuípe, na do rio Ipojuca, na do rio Inhambuque, na do rio Itapicuru, na do rio Real, na do rio Vaza-barris, na do rio Sergipe e de outros rios, em os quais, por informação tomada de vários que correram este sertão, estão atualmente mais de quinhentos currais, e, só na borda aquém do rio de São Francisco, cento e seis. E na outra borda da parte de Pernambuco, é certo que são muito mais. E não somente de todas estas partes e rios já nomeados vêm boiadas para a cidade e Recôncavo da Bahia, e para as fábricas dos engenhos, mas também do rio Iguaçu, do rio Carainhaém, do rio Corrente, do rio Guaraíra, e do rio Piauí Grande, por ficarem mais perto, vindo caminho direito à Bahia, do que indo por voltas a Pernambuco.

Em seguida Antonil vem a falar dos currais de Pernambuco que, segundo ele, eram maiores que os da Bahia, ao falar dos currais de Pernambuco Antonil chega a destacar a extensão do sertão do mesmo, nos fornecendo uma clara visão deste ao citar sua dimensão em léguas, assim Antonil expressa estes detalhes:

E, posto que sejam muitos os currais da parte da Bahia, chegam a maior número os de Pernambuco, cujo sertão se estende pela costa desde a cidade de Olinda até o rio de São Francisco oitenta léguas; e continuando da barra do rio de São Francisco até a barra do rio Iguaçu, contam-se duzentas léguas. De Olinda para oeste, até o Piauí, freguesia de Nossa Senhora da Vitória, cento e sessenta léguas; e pela parte do norte estende-se de Olinda até o Ceará-mirim, oitenta léguas, e daí até o Açu, trinta e cinco; e até o Ceará Grande, oitenta; e, por todas, vem a estender-se desde Olinda até esta parte quase duzentas léguas.

Como podemos observar, Antonil forneceu ricos detalhes em dados, provendo diversas medidas em léguas de um número relevante de distâncias do sertão.

Não foram só as dimensões do sertão que Antonil retratou ao falar da opulência da pecuária, os números em torno da criação de gado e da quantidade de currais também são relevantes, segundo Antonil os currais do sertão passam de oitocentos, destes currais saem gado para o fornecimento das fábricas dos engenhos, “desde o rio São Francisco até o Rio Grande, [...] desde o Piauí até a

barra de Iguaçu, e de Parnaguá e rio Preto, porque as boiadas destes rios vão quase todas para a Bahia” (ANTONIL, 1982, p. 85).

A presença de chuvas no sertão é perceptível na fala de Antonil ao mencionar que no sertão o gado encontra pasto, visto que não falta a chuva, por outro lado, também faz menção a seca, que em algumas viagens de gados vendidos para engenhos, os fazem parar para descansar e passam meses nas Jacobinas, às vezes até, oito meses para que possam ir para as cidades.

Quanto ao número de gado presente nos sertões, mencionado anteriormente, Antonil informa que no rio Iguaçu havia cerca de trinta mil cabeças de gado, na Bahia passava de um milhão o número de gado bovino e no Pernambuco passava de oitocentos milhões de cabeças de gado.

Antonil menciona, ainda, o fato de o sertão da Bahia pertencer quase todo a duas famílias, embora este fosse um extenso território, que segundo ele eram:

a da Torre, e a do defunto mestre de campo Antônio Guedes de Brito. Porque a casa da Torres tem duzentas e sessenta léguas pelo rio de São Francisco, acima à mão direita, indo para o sul, e indo do dito rio para o norte chega a oitenta léguas. E os herdeiros do mestre de campo Antônio Guedes possuem desde o morro dos Chapéus até a nascente do rio das Velhas, cento e sessenta léguas. E nestas terras, parte os donos delas têm currais próprios, e parte são dos que arrendam sítios delas, pagando por cada sítio, que ordinariamente é de uma légua, cada ano, dez mil réis de foro. E, assim como há currais no território da Bahia e de Pernambuco, e de outras capitanias, de duzentas, trezentas, quatrocentas, quinhentas, oitocentas e mil cabeças, assim a fazendas a quem pertencem tantos currais que chegam a ter seis mil, oito mil, dez mil, quinze mil e mais de vinte mil cabeças de gado, donde se tiram cada ano muitas boiadas, conforme os tempos são mais ou menos favoráveis à parição e multiplicação do mesmo gado, e aos pastos assim nos sítios com também nos caminhos.

Conduzindo o gado pelo sertão estavam brancos, mulatos e pretos, bem como índios, caminhavam por quatro, cinco e seis léguas, de acordo com os pastos que pretendem chegar, porém na extensão do sertão onde se falta água caminham até vinte léguas, noite e dia, quase nenhum descanso, até encontrarem lugar para parar, quando se entrega o gado ao passador para que ele os leve as jacobinas e até Capoame, o que se configura uma jornada de até dezessete dias. O pagamento do trabalho dos que conduziram o gado ao passador era um cruzado ou uma cabeça da boiada que conduziu.

De fato as informações dispostas pelo Jesuíta Antonil contribuíram muito para o mapeamento da pecuária no sertão. A pecuária era uma atividade secundária, que vinha a complementar a economia do litoral para a Colônia.

A pecuária fez com que se estabelecesse uma população pelos os lugares onde a boiada passava em seu curso para a Bahia ou Pernambuco, essa população se beneficiava do gado que perdia valor durante a viagem e o comprava por um baixo preço. Isso contribuiu para o desenvolvimento da vida nos sertões à medida que se iniciavam pequenas lavouras, desenvolviam-se plantações de cana.

Assim os escritos de Antonil faz compreender que a economia do sertão baseada na pecuária, possuía grande significância, basta olhar os dados referentes ao número de gado e currais que haviam na Bahia em Pernambuco. Assim é possível perceber que o sertão citado por Antonil é rico e produtivo, rico em extensão, rico em cabeças de gado. Muito gado, poucos donos, tanto que podemos perceber que a imensa extensão do sertão pertencia a duas famílias, como citado anteriormente. Foram os criadores de gado que penetraram pelas terras do sertão, adentrando Paraíba, Maranhão, Piauí, Rio Grande e Ceará. Dessa forma, salienta-se que a opulência do Brasil existia também no sertão e Antonil fez jus a essa verdade em sua obra.

2 O SERTÃO BRASILEIRO NA VISÃO DE CAPISTRANO DE ABREU

Em se tratando de sertão a obra de Capistrano de Abreu serve-nos de riquíssima fonte para o redesenho do mesmo no Brasil. Quando a história tratava de um Brasil visto somente a partir do litoral Capistrano de Abreu, assim como Antonil, lança um olhar sobre o sertão e o vê como um espaço privilegiado, onde se deu o processo de formação do povo brasileiro.

Desse modo, este capítulo busca apresentar o sertão visto pelo o olhar de Capistrano de Abreu, que nos apresenta sua fauna, flora, nos remete as bandeiras, a vida dos vaqueiros e donatários, lança um olhar de dentro sobre o sertão e nos proporciona o fascínio de uma terra rica em recursos e em histórias.

2.1 Capistrano de Abreu e seus *Capítulos de História Colonial*

Segundo Reis (2000) foi em Colominjuba, Maranguape, na época uma província do Ceará que nasceu Capistrano de Abreu, no ano de 1853. Ainda conforme Reis (2000) Capistrano de Abreu iniciou seus estudos no sítio onde nasceu, foi estudar na capital Fortaleza e foi também a Recife na tentativa de ingressar na Faculdade Direito.

Segundo Gontijo (2010) em 25 de abril de 1875, com apenas 22 anos, Capistrano de Abreu chegou ao Rio de Janeiro vindo do Ceará. Teve o escritor José de Alencar como seu paraninfo, ambos já haviam se conhecido um ano antes, quando o escritor visitara o Ceará, terra onde havia nascido.

Estando no Rio de Janeiro, Capistrano de Abreu conseguiu emprego na Livraria Garnier que na época possuía grande prestígio. Assim conforme Gontijo (2010, p. 1):

Seu trabalho era escrever notas publicitárias sobre os livros lançados pela Editora Garnier. No mesmo ano de 1875 estreou na imprensa carioca, publicando conferências que pronunciara no Ceará, no ano anterior. Capistrano, que fizera as primeiras letras na terra natal, não concluíra os estudos preparatórios para a Faculdade de Direito do Recife na década de 1870. Era um autodidata com alguma experiência como escritor, adquirida nos jornais de Fortaleza e nas conferências literárias da "Academia Francesa" do Ceará. A imprensa era, então, um polo atrativo para intelectuais de todos os cantos do país, e Capistrano não foi uma exceção. Ao lado da

diplomacia e do ensino, o jornalismo completava o quadro das atividades intelectuais proeminentes.

Capistrano de Abreu, assim como os intelectuais de sua época sentiu-se atraído pela imprensa e desenvolveu muito bem o papel de jornalista, o que foi apenas uma das atividades que este intelectual empreendeu em sua vida, como podemos perceber Capistrano já havia adquirido experiência como escritor em Fortaleza, seu talento para observar fatos e analisar seria provado em seus livros, entre eles *Capítulos de História Colonial* escrito em 1907, *Os caminhos antigos e o povoamento do Brasil* (1930) e o *Descobrimento do Brasil* (1883), entre outras obras deste importante autor.

Ainda, conforme Gontijo (2010) já em, 1879, Capistrano de Abreu vai trabalhar na Gazeta de Notícias como redator, momento no qual especializa-se em crítica literária, no mesmo ano presta concurso para a Biblioteca Pública da Corte e é aprovado em primeiro lugar, esta biblioteca era de suma importância para que um intelectual se consagrasse, ela reuniu profissionais bastante conceituados, além de um importante acervo documental.

Embora, apresentando a Biblioteca Pública da Corte diversas possibilidades a Capistrano e mesmo este tendo encontrado lugar de prestígio na mesma não permaneceu por nela por muito tempo e em, 1883, faz concurso para o Colégio Pedro II buscado ocupar a cadeira de Corografia e História do Brasil. O *descobrimento do Brasil* foi à tese que o mesmo defendeu e que o levou a aprovação, ocupou esta cadeira até 1899.

A contribuição que Capistrano de Abreu viria a dar a historiografia brasileira foi de grande importância e Barros (2010, p.456) salienta:

Dentre as grandes contribuições do século XIX e início do século XX para o desenvolvimento da historiografia brasileira, certamente um nome adquire especial lugar de destaque: o de Capistrano de Abreu, historiador cearense que constrói sua carreira no Rio de Janeiro das últimas décadas deste século, e que adentra as primeiras décadas do século XX.

No século XIX e XX a historiografia brasileira ganharia impulso com o trabalho de Capistrano de Abreu, para se falar da história do Brasil sua obra seria essencial, seu nome se tornaria referência e a riqueza de sua obra consagraria sua carreira iniciada no Ceará e consolidada no Rio de Janeiro. A produção historiográfica do

século XX apenas acompanharia a obra de Capistrano de Abreu quando da escrita de *Formação do Brasil Contemporâneo* de Caio Prado Júnior escrito em 1942.

A importância de Capistrano de Abreu para a historiografia brasileira fica explícita na fala de Barros (2010). Capistrano estabelece diálogos historiográficos entre temáticas que remetem ao Brasil, em *Capítulos de História Colonial* ele nos permite um conhecimento do espaço brasileiro e do homem destas terras, a colonização do Brasil é descrita levando-nos a perceber a evolução histórica do Brasil entre os séculos XVI e XIX. Nessa perspectiva Gontijo (2010, p.1) comenta:

Capistrano destacava-se pela "segurança da investigação, vasteza da informação, profundidade do saber e inteligência do assunto", qualidades que o distinguiriam de seus antecessores e contemporâneos. Seu livro *Capítulos de história colonial* é considerado por Veríssimo como "a síntese mais completa, mais engenhosa, mais perfeita e mais exata que poderíamos desejar da nossa evolução histórica". Síntese de aproximadamente trinta anos de estudos históricos sobre o Brasil. O autor também chama a atenção para o conhecimento da historiografia alemã por parte de Capistrano, valorizando sua utilização de métodos seguros de investigação histórica. Também aponta a presença de uma direção filosófica em sua produção, capaz de livrá-lo de ser "um simples erudito". Seu grande mérito teria sido a capacidade crítica, empregada na análise de documentos e na crítica dos estudos anteriores.

Capistrano de Abreu era conhecedor dos assuntos que discutia, buscava por informações seguras, o que o levou a se destacar em relação aos escritores anteriores a ele, estudou o Brasil e sua história por cerca de trinta anos, apoiando-se na historiografia alemã, a qual era conhecedor, buscou apropriar-se de métodos garantidos de investigação de fatos históricos, possuía, também, uma capacidade apurada de fazer críticas de estudos anteriores e de analisar documentos.

Retomando a ideia de Michel de Certeau (1982), onde o lugar social a partir de onde o historiador fala é relevante para a construção de sua obra, lembramos que Capistrano de Abreu era um historiador cearense e isto influenciou a maneira como enxergou o Brasil e como o transcreveu em suas obras. Capistrano de Abreu nasceu em uma espécie de Casa Grande que era ao mesmo tempo modesta e abastada, estudou em colégios pobres e, ainda, em seminário, foi um pequeno proprietário de terras no sertão, deixou para trás essa vida em 1875 quando foi para o Rio de Janeiro, entendia que a compreensão do povoamento do sertão era de suma importância para a história brasileira. Assim, Capistrano de Abreu parte de

uma vivência no sertão para construir sua obra, de uma vida iniciada e transcorrida ao longo de anos no Ceará.

Voss (2012) acredita que o valor da obra de Capistrano de Abreu, *Capítulos de História Colonial*, está no fato de o mesmo destacar não só os aspectos geográficos, mas, também, políticos do Brasil quando do período colonial, assim, as guerras por território, à delimitação das fronteiras, bem como o interesse que havia pela matéria-prima que o Novo Mundo proporcionava, os fatores culturais, a mistura de raças que acontecia no Brasil Colonial e, ainda, os costumes dos colonizadores, Capistrano de Abreu trouxe a luz todos esses pontos e, de modo especial, destacou o sertão e sua especificidade.

Voss (2012, p. 147) ainda nos apresenta a obra de Capistrano de Abreu, em sua estrutura, onde conforme o autor:

O texto está dividido em onze capítulos: o primeiro capítulo traz uma descrição da dimensão geográfica do Brasil e de sua fauna e flora e também algumas considerações sobre o indígena brasileiro; o capítulo segundo é uma descrição das relações hierárquicas na Coroa Portuguesa e do perfil do português; do capítulo terceiro ao nono, há uma narrativa que atravessa desde o descobrimento até o povoamento do sertão brasileiro; o capítulo dez de certa forma retorna ao capítulo primeiro e explica como os limites do Brasil chegaram a ser o que são; e o último capítulo traz um panorama geral sobre a distribuição étnica da população brasileira já no século XIX e sobre seus costumes.

Assim, *Capítulos de História Colonial* apresenta ao longo de seus onze capítulos aspectos geográficos do Brasil quando colônia de Portugal, assim como aspectos referentes à fauna e a flora de suas regiões, a hierarquia da Coroa Portuguesa também é abordada, o descobrimento do Brasil e o desbravamento do sertão correspondem a grande parte de sua narrativa, ainda explana a respeito dos limites de seu território e a distribuição étnica de sua população. Como podemos perceber é uma obra bastante completa acerca do Brasil.

Essa a estrutura da obra de Capistrano de Abreu que teve grande relevância no âmbito nacional e que, segundo Gontijo (2010), caracterizaram Capistrano de Abreu como um intelectual nacionalista, nacionalidade esta que tanto era culta e civilizada, quanto não-civilizada à medida que se aproximava do sertão, onde o Brasil, conforme se acreditava, era mais legítimo. A autora refere-se a Capistrano como autor sertanejo que caminhou entre a civilização e a Barbárie, isso se devia ao

seu espírito de historiador que fez com que o mesmo buscasse por informações originais junto a sua habilidade de investigação e o principal o sentimento das terras brasileiras e do povo que nelas viviam, Capistrano de Abreu, assim, foi capaz de reconhecer a brasilidade, pois conseguia distinguir o Brasil do brasileiro.

Reis (2000, p. 89) por sua vez, exalta o trabalho de João Capistrano de Abreu ao afirmar que na obra desse historiador cearense, o conceito de cultura é substituído de raça e que a história do Brasil começa pelos caminhos que levam ao sertão. Sendo assim, Capistrano de Abreu discute com propriedade, a ocupação do território.

Nessa direção, Reis (2000, p.89) diz que Capistrano de Abreu é o historiador que, ao escrever sua tese valoriza alguns elementos em detrimento de outros, de modo que pensam Brasil mais sertanejo do que litorâneo.

Conforme Secreto (2006, p. 244) depois de Capistrano de Abreu estudar o Brasil pelas vias dos sertões, muitos foram os historiadores que passaram a considerar a entrada no sertão como o momento fundador na nação. Assim nos debruçamos a partir de agora sobre a obra *Capítulos de História Colonial* e a visão de sertão apresentada por Capistrano de Abreu.

Compreendemos que Capistrano de Abreu influenciou os historiadores e estudiosos vindouros a pensar em um povoamento do Brasil a partir do sertão, sua obra, assim, representava sua visão e trazia em si o poder de influenciar futuras gerações, devido ao fato de encontrarem fundamentação em sua tese, de estudiosos a enxergarem o Brasil de forma diferente daqui perdurava até então, onde o litoral era favorecido e colocado como ponto a partir do qual se deu o povoamento do Brasil.

2.2 Capítulos de História Colonial e a Visão de Sertão em Capistrano de Abreu

Conforme já mencionado anteriormente a obra de Capistrano de Abreu *Capítulos de História Colonial*, apresenta onze capítulos, onde o primeiro capítulo *Antecedentes Indígenas*, já apresenta uma primeira menção ao sertão, onde Capistrano de Abreu cita o clima tropical que o interior brasileiro apresenta, segundo o autor no sertão há ocorrência de chuvas, embora menos que na beira-mar.

as estações seca e úmida andam mais nitidamente discriminadas; o ar do planalto, facilmente aquecível durante o dia em consequência de sua pouca densidade, rapidamente esfria à noite pelo mesmo motivo, produzindo às vezes variações bruscas no decurso de vinte e quatro horas.

Também aqui as chuvas compassam-se pelo sol: em vários pontos há uma estação úmida menor e anterior, outra maior e posterior ao solstício de dezembro. (ABREU, 1998, p.4)

Em seguida Capistrano de Abreu menciona a vegetação existente no sertão, a xerófila que se compõe de cerrado, agreste, carrasco e caatinga, a mesma identificada pelas raízes profundas, assim Capistrano de Abreu apresenta suas características peculiares como as muitas raízes que retêm água, seu tronco áspero, fendido, bem como exíguo, “como se procurasse para os lados o desenvolvimento que lhe foge na vertical, pelas folhas mais ou menos miúdas, que caem numa parte do ano para melhor resistir à seca, limitando a evaporação”. (ABREU, 1988, p.5).

Para Barros (2010, p. 476) o que Capistrano faz em seu primeiro tema de Capítulos de História Colonial é descrever o complexo espaço do território brasileiro, é uma descrição geográfica, que parte dos mais extensos limites para chegar aos detalhes locais, à natureza e a vida animal, aparecem com vivacidade na obra de Capistrano de Abreu, nas palavras de Barros (2010, p. 476):

[...] os Capítulos de História Colonial – com uma parte inicial denominada “Antecedentes Indígenas” – iniciam-se precisamente com a descrição da complexa espacialidade brasileira. O historiador procura descrever aqui, com toda a minúcia possível, um espaço que breve haverá de ser reterritorializado, com a chegada dos “descobridores” portugueses. A descrição geográfica é hábil, partindo dos limites mais amplos e daí atingindo as especificidades locais. Das descrições ainda atinentes aos aspectos físicos da Geografia – limites, relevo, geologia, bacias hidrográficas – logo se passa à instalação de um ambiente natural. E é desde já útil mostrar que a própria Natureza é descrita por Capistrano como um personagem que, também ela, luta para se instalar no ambiente e no espaço físico. Um pequeno trecho pode dar ideia desta interação entre a vida orgânica e o ambiente físico. Se mais além, a luta pelo controle e personalização do espaço será desenvolvida pelos homens, nestas páginas iniciais assume também o seu papel territorializador a própria vida animal e vegetal [...]

É esse meio que ao ser dominado resulta na colonização. O colono se depara com uma natureza intocada pelo o homem, e tem que batalhar para fazer suas plantações, construir suas vilas e estradas.

O sertão visto por Capistrano de Abreu, de acordo com, Corrêa (2003, p. 4) não é Brasil ou brasileiro, eles antecedem a história, portanto, não é história. O sertão, assim como o índio, não é Brasil, apesar de estarem dentro do território brasileiro.

A fauna do sertão é apresentada por Capistrano de Abreu como vantagem para os seus animais, pois a mesma é veste traje branco-amarelado e faz-se monótona, assim, no capim se conserva neutra. Ainda no capítulo *Antecedentes Indígenas* Capistrano cita os cariris como grupo linguístico que se faz presente no sertão brasileiro.

Essas são as primeiras menções de Capistrano de Abreu em sua obra *Capítulos de História Colonial* sobre o sertão brasileiro, Reis (1988) entende que a referida obra de Capistrano de Abreu pode ser dividida em duas partes, sendo que a primeira estende-se até as Guerras Flamengas, que corresponde ao capítulo oito de seu livro, até então ele conta uma história já tantas vezes repetidas, embora seu olhar já esteja voltado para outra direção e para outro posicionamento. Segundo Reis (1998, p.75):

até às “Guerras Flamengas”, capítulo 8º, Capistrano faz uma história do descobrimento do Brasil de tipo Varnhageniano; depois delas, ele passa a fazer um novo tipo de história do Brasil. Não só mudou o sujeito da história do Brasil. Com a mudança do sujeito, mudaram-se os temas, alterou-se o objeto e até mesmo a forma da história. Até ali estávamos ainda na velha história político administrativa metropolitana do descobrimento do Brasil. Aqueles dados apresentados e daquela forma já estavam em Varnhagen. A primeira parte dos Capítulos de História Colonial é quase uma síntese de Varnhagen, embora o olhar não fosse mais da caravela sobre o litoral, mas da praia em direção à frota. Esta diferença na direção e posição do olhar, presente na primeira parte liga esta à segunda, impedindo que entre ambas haja uma ruptura. O que não estava em Varnhagen e marca a originalidade de Capistrano é a sua percepção do surgimento do novo povo e a sua adesão ao seu sentimento e interesse, ao seu projeto político. Tal percepção foi possível porque desde as primeiras páginas do livro, seu olhar já estava em outra posição e direção. As elites saem da história e entra o povo brasileiro, conquistando o sertão, vivendo longe do Rei. O sertanejo é aquele que vive distante do Rei: autônomo, soberano, orgulhoso.

Reis (1998) acredita que Capistrano de Abreu traga para sua obra o povo, o homem sertanejo, que conte uma história não focada na elite, mas sim no povo que conquista o sertão, daquele povo que é orgulhoso e soberano, que vive longe do rei, estes são os brasileiros.

Os pernambucanos são chamados por Reis (1998) de brasileiros, é este povo que ele acredita que no século XVII separou-se dos portugueses e constituiu-se em brasileiros, o autor acredita, ainda, que o brasileiro é o europeu diferenciado pelo o clima e pela miscigenação com o índio. Reis (1998) menciona a derrota dos holandeses perante portugueses, onde o autor acredita que mesmo vencendo os portugueses perderam muito, posto que conquistaram o litoral, mas o sertão foi conquistado pelos novos brasileiros. “Os portugueses continuaram a viver e a controlar a vida do litoral; os brasileiros adentraram pelo território conquistando-o, ocupando-o, povoando-o”.

Para Forte (2014) Capistrano de Abreu vem a apresentar o sertão como espaço privilegiado do processo de formação da sociedade brasileira, enquanto a perspectiva da época tratava a história centralizada no litoral. Assim Forte (2014, p. 1) comenta sobre Capistrano e sua obra debruçada sobre o sertão:

A importância atribuída pelo autor à constituição da civilização do couro no empreendimento colonial, em detrimento ao predomínio da história política e administrativa característica do litoral, propiciou uma revisão do papel desempenhado pela ocupação do sertão mediante a criação extensiva de gado, fato menosprezado pela historiografia tradicional. Nesse ínterim, no âmbito das discussões pertinentes ao campo historiográfico subjaz uma disputa simbólica que remete às relações de dominação estabelecidas entre colônia e metrópole, vinculada à oposição entre litoral e sertão.

A história de Capistrano de Abreu é, portanto, uma história vista do sertão, onde o vaqueiro e o bandeirante atuam e a presença de escravos é mínima, é uma história onde o espírito sertanejo é apresentado como extremamente importante na constituição da nação brasileira.

Chegamos, então, ao capítulo 9 do livro *Capítulos de História Colonial* de Capistrano de Abreu, onde o autor apresentara um esboço da geografia, da cultura, da economia e da sociedade no sertão.

Capistrano de Abreu inicia sua descrição do sertão com a afirmação de que seu povoamento iniciou-se “em épocas diversas, de pontos apartados, até formar-se uma corrente interior, mais volumosa e mais fertilizante que o tênue fio litorâneo”. (ABREU, 1988, p. 56).

Data, pois, o início do povoamento do sertão de 1530 começando pela capitania de São Vicente, o estabelecimento de Piratininga. O povoamento do sertão

é uma vitória sobre a mata, uma vitória que, de acordo com Capistrano de Abreu, não necessitou de um combate, mas que careceu do esforço de sucessivas gerações. Começa, então, o povoamento do sertão com a fundação de Piratininga e com as entradas do rio Tietê rumo ao Prata.

Vastos descampados interrompidos por capões e resquícios de floresta, neste sertão, a partir de São Vicente e Piratininga empreendeu-se as bandeiras, compostas de paulistas que visavam prender e escravizar o índio. Capistrano explica a denominação bandeiras, que conforme o autor provinha, ainda que não possuísse certeza, de um costume tupiniquim de levantar a bandeira como um sinal de guerra. A expedição era dirigida por um chefe supremo, que possuía amplos poderes, abaixo do mesmo, havia pessoas que ajudavam na despesa ou forneciam pessoas para a empreitada, havia, também, obrigatoriamente, a figura do capelão.

As bandeiras contavam com a presença de escravos que serviam de carregadores, a carga a qual eles deviam conduzir, era de pólvora, bala, machados e ferramentas. Como o objetivo dos bandeirantes eram aprisionar os indígenas, cordas eram carregadas pelos escravos. Segundo Capistrano de Abreu as bandeiras costumavam partir pela madrugada e encerrar sua caçada aos indígenas antes de anoitecer, para que pudessem pescar e caçar, além de procurar por mel silvestre e colher frutos, as roças dos indígenas era que lhes fornecia muitos suplementos, após aproveitarem-se das mesmas era feita a sua destruição, uma maneira de subjugar seus donos.

Capistrano de Abreu em sua análise do sertão descreve como as bandeiras agiam no mesmo, se encontravam um rio, tratavam, pois, de improvisar canoas para navegarem, em terra se aproveitavam das trilhas feitas pelos os indígenas e as matas eram evitadas.

As bandeiras foram cruéis com os indígenas, para Capistrano de Abreu, as já tão conhecidas histórias acerca das mesmas, onde os bandeirantes usando de arma de fogo atacavam os selvagens que se defendiam com seu arco e flecha, onde os que não eram mortos eram capturados, amarrados e, assim, distribuídos nos povoados, conforme se organizou as bandeiras, ganha em sua análise acerca do sertão um novo elemento, era a de quando encontrar os índios nos campos atear fogo, a fuga era, desse modo, impedida, onde, alguns índios lançavam-se ao fogo, outros arrancavam o capim para que o fogo não lhes alcançasse, outros tentavam esconder-se do fogo procurando troncos de árvores.

Observando a análise das bandeiras no sertão por Capistrano de Abreu, remetemo-nos a fala de Reis (1998), quando ao mencionar que Capistrano descreve a brutalidade das bandeiras, que foram já empreendidas pelos brasileiros e não mais pelos portugueses, os indígenas foram vítimas de tamanha violência e brutalidade, assim corrobora Reis (1998, p. 76) sobre a forma como Capistrano analisa as bandeiras:

[...] Os bandeirantes foram terríveis em suas caçadas. A ação bandeirante já é uma ação da gente brasileira, não é mais uma história portuguesa. As primeiras ações brasileiras se destacaram pela violência e brutalidade contra os indígenas. O brasileiro continuou a ação colonizadora e cristianizadora do português e usando os mesmos métodos

Ainda nessa concepção Reis (1998, p. 76) argumenta sobre a visão de Capistrano sobre as bandeiras que adentraram o sertão brasileiro:

São Vicente e Piratininga foram um dos pólos de onde partiram os brasileiros para a conquista do sertão. Os bandeirantes iam caçar e escravizar índios. Os paulistas são sobretudo mamelucos e Capistrano vê o povo brasileiro mais como um mestiço de índio e branco. O mestiço de negro e branco é litorâneo e pertence ao mundo português. Ele descreve os ataques bandeirantes aos indígenas e jesuítas e a resistência de uns e outros.

De fato há de se atentar para a crueldade das bandeiras em sua perseguição ao indígena, Capistrano de Abreu bem a enxerga e faz pensar na mesma não mais como ação dos colonizadores portugueses que aqui chegaram em busca de riquezas e neste intuito massacram os índios, não, as bandeiras são descritas por Capistrano de Abreu e por ele entendida como uma ação de brasileiros, gente brasileira, que em sua primeira ação como tal empreenderam a violência e a brutalidade contra os primeiros habitantes do território brasileiro.

As bandeiras no século XVI devastaram, sobretudo o Tietê, cujos numerosos Tupiniquins depressa desapareceram, e o alto Paraíba, chamado rio dos Surubis em Piratininga, segundo informa Glimmer; com o tempo foram-se alongando os raios do despovoamento e depredação, característico essencial e inseparável das bandeiras. O movimento paulista para o sertão ocidental chocou-se com o movimento paraguaio à procura do mar: Ciudad Real, no Piqueri, próximo do salto das Sete Quedas, Vila Rica, no Ivaí, datam da segunda metade do século XVI, antes do Brasil cair sob o domínio da Espanha. Com estes colonos a

gente de São Paulo cultivou a princípio boas relações; nas caçadas humanas foram às vezes sócios aliados. Além disso a viagem por terra do Paraguai para a costa fazia-se mais facilmente procurando Piratininga, do que repetindo a incômoda travessia de Cabeza de Vaca. A harmonia entrava assim no interesse de ambas as partes. Só mais tarde houve conflitos e as duas povoações desapareceram. (ABREU, 1988, p. 58).

Nas palavras de Capistrano de Abreu podemos perceber a ferocidade com a qual as bandeiras agiram, tanto que levaram ao desaparecimento os Tupiniquins e ao despovoamento de áreas, antes habitadas, esse era o caráter das bandeiras, era sua essência, levar ao despovoamento e depredação, aprisionando indígenas e os arrancando de seus lugares para escraviza-los.

As bandeiras levavam a boa relação entre aqueles que as empreendiam, era um comércio lucrativo, a caçada humana era mais fácil por Piratininga e, assim, paulistas mantiveram-se amistosos com paraguaios, que procuravam pelo o mar, em seu movimento pelo o sertão.

As reduções jesuíticas se faziam presente no sertão e foram uma forma fácil de aprisionar os indígenas, que Capistrano de Abreu vê como grandes agrupamentos humanos que tiraram os índios da mata, dos esconderijos em que viviam e os levaram a grandes povoações e a vida política. Assim Capistrano de Abreu (1988, p. 58) narra a invasão dos bandeirantes as reduções e conta um episódio particular onde os bandeirantes sem nada temer e importar-se destruíram uma redução:

A primeira das reduções invadidas, a de S. Antônio, demorava na margem direita do Ivaí; invadiram depois San Miguel, Jesús María, San Pablo, San Francisco Xavier, no Tibagi; as outras, ainda mais depressa do que as agremiara uma inspiração ideal, foram sucessivamente destruídas pela fúria devastadora. Restavam apenas as de Loreto e San Ignacio, na Paranapanema; os jesuítas resolveram transplantá-las para abaixo do salto das Sete Quedas, entre o Paraná e o Uruguai, doloroso êxodo cuja narrativa ainda hoje penaliza. Depois de devastadas as missões de Guairá, os mamalucos passaram às do Uruguai e dos Tape.

A entrada em Jesús María, no rio Pardo, já em águas da lagoa dos Patos, qual a descreve Montoya, dará idéia resumida dos processos empregados nestas expedições.

No dia de São Francisco Xavier (3 de dezembro de 637), estando celebrando a festa com missa e sermão, cento e quarenta paulistas com cento e cinqüenta tupis, todos muito bem armados de escopetas, vestido de escupis, que são ao modo de dalmáticas estofadas de algodão, com que vestido o soldado de pés à cabeça peleja seguro das setas, a som de caixa, bandeira tendida e ordem

militar, entraram pelo povoado, e sem aguardar razões, acometendo a igreja, disparando seus mosquetes. Pelejaram seis horas, desde as oito da manhã até as duas da tarde.

Visto pelo inimigo o valor dos cercados e que os mortos seus eram muitos, determinou queimar a igreja, aonde se acolhera a gente. Por três vezes tocaram-lhe fogo que foi apagado, mas à quarta começou a palha a arder, e os refugiados viram-se obrigados a sair. Abriram um postigo e saindo por ele a modo de rebanho de ovelhas que sai do curral para o pasto, com espadas, machetes e alfanjes lhes derribavam cabeças, truncavam braços, desjarretavam pernas, atravessaram corpos. Provavam os aços de seus alfanjes em rachar os meninos em duas partes, abrir-lhes as cabeças e despedaçar-lhes os membros.

Questiona-se Capistrano de Abreu sobre a ação dos bandeirantes que simplesmente devastam as terras brasileiras. Porém no seguir de seu texto Capistrano informa que bandeirantes que se empreenderam por estas terras acabaram por nelas permanecerem, ao invés de voltarem para São Paulo optaram pela vida como senhores de terra, e, assim, ficaram nas terras conseguidas com suas armas e de despovoadores tornaram-se conquistadores, formando estabelecimentos fixos e dedicando-se a criação de gado. Não se limitaram a atividade ligada a pecuária, sempre houve uma certa mineração em Iguape e Paranaguá e a partir de 1660 entregaram-se as pesquisas em torno da mesma.

Os bandeirantes paulistas, na visão sobre o sertão de Capistrano de Abreu, portanto, participação efetiva na conquista do sertão, embora em um primeiro momento tenham provocado a devastação nessas terras em seguida assentaram-se nas mesmas e conquistaram o bravo sertão. Os paulistas conquistaram Palmares de Pernambuco, o bravo Ceará e desbravaram Rio Grande e o sertão da Paraíba, em meio ao mato e a catinga conquistaram as terras brasileiras. Aqueles bandeirantes que se assentaram passaram a viver com o que o sertão lhe oferecia.

Em sua análise acerca do sertão Capistrano de Abreu, segundo Reis (1998, p.77) identifica o Maranhão como outro polo de onde partiram os bandeirantes e que estabeleceu importância no desbravamento do sertão:

Outro pólo foi o Maranhão, de onde os brasileiros entraram pela Amazônia, fazendo a mesma devastação do indígena.

O Maranhão era, no entanto, muito longe do sul do Brasil e foi preciso criar o Estado do Maranhão, em 1621. A comunicação com o Brasil sul era feita pelo Parnaíba, mas foi preciso também a construção de estradas. Portanto, a partir de Piratininga, os brasileiros desceram até o Prata e subiram até a Bahia, passando por Minas Gerais, foram ao Mato Grosso e Amazônia; a partir do

Maranhão, os brasileiros entraram pela Amazônia e desceram pelo sertão nordestino. A conquista do território se fez à custa da expulsão, extermínio e escravização dos indígenas. Os engenhos de açúcar, o fumo e as roças de mantimentos só vingaram próximo de rios navegáveis.

Na conquista do sertão e em sua análise da mesma Capistrano de Abreu posiciona-se claramente contra a maldade brutal cometida contra o indígena e vê os jesuítas como protetores dos mesmos, no que difere de outros autores, que ao discorrerem sobre a história do Brasil viam os jesuítas com bons olhos.

Criado o Estado do Maranhão em 1621 há de se governá-lo, por essa data estava ele sobre o mando de Diogo Machado e em 1622 passa a ser governado por Antônio Muniz Barreiros que ocupou este cargo até 1626, quando o mesmo passou as mãos de Bento Maciel, sucedido por Matias e, assim, vieram outros a administrar aquela área.

Conforme Capistrano de Abreu nas terras do Maranhão criaram-se engenhos, e além da plantação de cana, também, plantava-se algodão e fumo. A criação de gado também seria um atrativo para a ocupação do sertão, a mesma começou em torno de Salvador e as margens do Rio São Francisco, logo entraram pelos os sertões da Bahia, Pernambuco e, também, Minas Gerais. O gado dominou as regiões interiores, estas regiões não eram boas para o cultivo, mas o gado prosperou nas mesmas, e o conflito com o índio foi menor, sendo que o criador de gado não era um caçador indígena.

Nos anos que se seguiram a população do sertão crescia consideravelmente, conforme Capistrano de Abreu (1988, p. 68):

Lentamente a população ia crescendo, embora epidemias freqüentes inutilizassem em poucos meses o progresso de anos. Como sinais evidentes de melhores condições, basta citar a fundação de um pesqueiro real em 1692 na ilha de Marajó, por Antônio de Albuquerque Coelho, e o desenvolvimento assumido pela criação de gado na mesma ilha, a partir dos primeiros anos do século seguinte. Na Páscoa de 1726 começou a funcionar um açougue em Belém. Quando La Condamine passou por Belém em 1743 a única moeda corrente eram grãos de cacau; desde maio de 1749 principiou a correr dinheiro amodado de ouro, prata e cobre. Em 1751, o Pará, a que agora estava subordinado o Maranhão, contava 9 freguesias e seis ermidas paroquiais, sete fortalezas, vinte e quatro engenhos de açúcar, quarenta e duas engenhocas de aguardente, sessenta e três aldeias de índios missionados. Muitas medidas concertou o governo para desenvolver a agricultura, mas só o conseguiu nas cercanias de Belém. O café, levado de Caiena por

Francisco de Melo Palheta, pareceu despertar o torpor da população. Pouco tempo durou a experiência; preferiu-se a apanha de produtos florestais, cravo, canela, cacau, salsa, mais rendosos e criados à lei da natureza.

Para Capistrano de Abreu os primeiros habitantes do sertão viveram com dificuldades, posto que não eram os donos das sesmarias, mas, sim escravos ou prepostos, assim o autor nos possibilita uma visão de suas vidas quando habitantes do sertão.

Carne e leite havia em abundância, mas isto apenas. A farinha, único alimento em que o povo tem confiança, faltou-lhes a princípio por julgarem imprópria a terra à plantação da mandioca, não por defeito do solo, pela falta de chuva durante a maior parte do ano. O milho, a não ser verde, afugentava pelo penoso do preparo naqueles distritos estranhos ao uso do monjolo. As frutas mais silvestres, as qualidades de mel menos saborosas eram devoradas com avidez. Pode-se apanhar

muitos fatos da vida daqueles sertanejos dizendo que atravessaram a época do couro. De couro era a porta das cabanas, o rude leito aplicado ao chão duro, e mais tarde a cama para os partos; de couro todas as cordas, a borracha para carregar água, o mocó ou alforge para levar comida, a maca para guardar roupa, a mochila para milhar cavalo, a peia para prendê-lo em viagem, as bainhas de faca, as broacas e surrões, a roupa de entrar no mato, os banguês para cortume ou para apurar sal; para os açudes, o material de aterro era levado em couros puxados por juntas de bois que calcavam a terra com seu peso; em couro pisava-se tabaco para o nariz.

Adquirida a terra para uma fazenda, o trabalho primeiro era acostumar o gado ao novo pasto, o que exigia algum tempo e bastante gente; depois ficava tudo entregue ao vaqueiro. A este cabia amansar e ferrar os bezerros, curá-los das bicheiras, queimar os campos alternadamente na estação apropriada, extinguir onças, cobras e morcegos, conhecer as malhadas escolhidas pelo gado para ruminar gregariamente, abrir cacimbas e bebedouros. (ABREU, 1988, p.72)

O gado levou a ocupação mais profunda do sertão, pois devido a ele novos caminhos foram abertos. A figura do vaqueiro predomina, então no sertão, a cada quatro crias o vaqueiro recebia uma como pagamento, isso depois de cinco anos de serviço. Então, o vaqueiro com o passar do tempo e ao receber seu pagamento na forma de crias de gado, poderia fundar para si uma fazenda. Capistrano de Abreu informa que nos caminhos pelos os quais o gado era levado para a cidade estabeleceram-se populações e surgiram povoados, uma população católica.

Assim o mundo da pecuária era o mundo da liberdade, pois estava longe da administração e de Juízes, era também um mundo de violência, onde a vingança era

algo rotineiro. O gado abriu caminho de São Vicente e Piratininga, São Luís do Maranhão, ocupou o interior da Bahia, Minas Gerais e Goiás, assim Capistrano de Abreu acredita que os terrores que envolviam a viagem ao sertão foram dissipados, conforme o autor:

Perdeu assim os terrores a viagem do sertão, e cerca de 1690 havia antes motivos a aconselhá-la. Um contemporâneo muito bem informado fala no preço altíssimo dos gêneros estrangeiros, na depreciação dos frutos da terra, na menor feracidade do solo em consequência do cansaço, nas limitações impostas à cultura do tabaco, “gênero fabricado por pretos, por brancos, por forros, por cativos, por ricos, por pobres, de que todos em sua qualidade se alimentavam e vestiam”, nos excessos do contrato do sal, na prepotência da magistratura, na dificuldade de cobrar dívidas, no desenvolvimento anormal da mão-morta. “Das fazendas, terras, lavouras e propriedades possuídas das religiões nem Sua Majestade tem tributos, nem subsídios, nem ainda dízimos, nem as misericórdias, nem os hospitais, nem as sés, matrizes e mais igrejas, nem as confrarias e irmandades, nem as pobres órfãs e viúvas têm esmola alguma; só são úteis às religiões que as possuem e não a outra pessoa alguma... Anualmente vão indo às religiões muitas propriedades, terras e fazendas, ou por compra, ou por deixa, ou por herança, ou por demanda de pretensões de sessenta, setenta, oitenta, noventa e cem anos, as quais em poder dos vassalos seculares eram sujeitas a dízimos, tributos e mais pensões e incorporadas em religiões logo ficam isentas, e o pior é que aquele tanto ou quanto que pagavam de fintas, tributos subsídios e outros impostos, tornam a cair sobre os miseráveis seculares”.

Desvanecidos os terrores da viagem ao sertão, alguns homens mais resolutos levaram família para as fazendas, temporária ou definitivamente e as condições de vida melhoraram; casas sólidas, espaçosas, de alpendre hospitaleiro, currais de mourões por cima dos quais se podia passear, bolandeiras para o preparo da farinha, teares modestos para o fabrico de redes ou pano grosseiro, açudes, engenhocas para preparar a rapadura, capelas e até capelães, cavalos de estimação, negros africanos, não como fator econômico, mas como elemento de magnificência e fausto, apresentaram-se gradualmente como sinais de abundância. (ABREU, 1988, p.74).

O sertão continua a ser habitado, famílias mudam-se para suas terras, o terror que o mesmo causava se desfaz, as condições de vida melhoraram, sinais de abundância podem ser observados e o sertão, na visão de Capistrano é rico e farto.

Após a penetração do sertão devido ao gado, surge uma nova atividade que contribuirá para o povoamento no sertão, a atividade mineradora. Conforme Capistrano de Abreu as Minas sempre foram uma preocupação para os portugueses, procurou-se por elas nas capitânicas e algumas vezes, como em São Vicente, encontrou-se ouro, embora em pequenas quantidades.

Mais foi devido ao gado e a caça ao índio que as minas foram descobertas. O maior interesse, conforme Capistrano de Abreu, era encontrar prata, já que a mesma tinha sido descoberta em Potosí e no Brasil deveria ser muito mais abundante, assim, o ouro foi sendo encontrado, ora sem procurar com muito empenho, ora sem ao menos procurá-lo.

No final do século XVIII os paulistas encontraram o ouro em Minas Gerais e Mato Grosso, o bandeirante torna-se então mineiro e começa uma corrida as minas, de pessoas que vem não só de regiões do Brasil, mas, também da Europa.

Com as minas o rei volta a controlar o Brasil, a população é controlada e explorada, os tributos aumentaram demasiadamente, conflitos surgem, levando a morte. Capistrano vê as minas como um sertão não brasileiro, mas português, esse sertão é povoado pelo o branco e pelo o mestiço, bem como pelo o negro.

A aproximação com o rei não foi bem vista pelos habitantes das terras longínquas que já haviam se habituado a distância do mesmo, assim a reaproximação não foi bem vista e levaria a movimentos pela independência.

Para Capistrano de Abreu os brasileiros já não sentiam-se inferior aos que nasceram na metrópole. O sertão e seu povo ganha sua importância e esta é observada pelo o olhar que Capistrano de Abreu dispensa as essas terras e seu povo, trazendo à luz a história de seu povoamento e descoberta de suas riquezas.

3 A IDEIA DE SERTÃO DO BRASIL EM ANTONIL E CAPISTRANO DE ABREU

No decorrer dos dois capítulos anteriores descrevemos o sertão na visão de Antonil e de Capistrano de Abreu, neste terceiro e último capítulo, procuramos lançar um olhar sobre os principais aspectos de sua obra e ao observar estas criticamente encontrar os principais pontos em comum entre as mesmas e suas peculiaridades no que se refere ao sertão. Assim, é relevante destacar que ao debruçarmo-nos sobre a obra de Capistrano de Abreu foi possível perceber que o mesmo recorre frequentemente ao estudo de Antonil para esclarecer e reforçar fatos do Brasil Colonial é relevante destacar que no que se refere à historiografia nos séculos XIX e XX não havia arquivos suficientes para um estudo aprofundado do Brasil Colonial, assim podemos afirmar que quando Antonil escreveu *Cultura e Opulência do Brasil* não forma desenvolvidos tratados eficientes acerca deste período da história brasileira, sendo seu livro uma espécie de pioneiro deste tema na historiografia brasileira, assim já no século XIX a obra de Antonil era a principal fonte para um estudo do Brasil Colônia, como ainda hoje se faz indispensável para esta tarefa.

3.1 Capistrano e Antonil as visões que se complementam em torno do Brasil Colonial e do Sertão Brasileiro

Conforme procuramos descrever a visão de sertão em Antonil debruçamo-nos sobre sua obra *Cultura e Opulência do Brasil* apresentou um quadro das principais riquezas do Brasil quando do século XVIII, estas riquezas eram o açúcar, as minas de ouro, a pecuária e o tabaco.

A obra de Antonil assim como a de Capistrano de Abreu, foi fonte de pesquisa para diversos estudos acerca do Brasil Colonial pelos os historiadores do século XIX e XX. Suas obras são fontes para o estudo do sertão brasileiro, o que conforme Certeau (1982) constitui-se inteligibilidade do problema e as interrogações propostas nos documentos. Nesta perspectiva ao pensarmos nas obras de Antonil e Capistrano de Abreu a partir do pressuposto escriturístico de Michel de Certeau (1982, p.103):

Em História, tudo começa com o gesto de *separar*, de reunir, de transformar em “documentos” certos objetos distribuídos de outra

maneira. Esta nova distribuição cultural é o primeiro trabalho. Na realidade, ela consiste em *produzir* tais documentos, pelo simples fato de recopiar, transcrever ou fotografar estes objetos mudando ao mesmo tempo o seu lugar e o seu estatuto. Este gesto consiste em “isolar” um corpo, como se faz em física, e em desfigurar as coisas para constitui-las como peças que preenchem lacunas de um conjunto proposto *a priori*.

Assim, compreendemos que os documentos não contêm em si unicamente a verdade e que é preciso estudar as peças que formam cada documento isoladamente na intenção de preencher lacunas, perguntas que necessitam de respostas. Nessa perspectiva as obras de Antonil e Capistrano de Abreu foram estudadas na intenção de responder problemática por nós inserida e que se refere à ideia de sertão que estes autores apresentaram em suas obras acerca do Brasil Colonial.

O valor da obra de Antonil para tais estudos encontra-se permeada em meio a todos os detalhes técnicos que o mesmo apresenta sobre a exploração de cada uma das riquezas, já antes mencionadas, somente sobre o cultivo da cana-de-açúcar e a fabricação do açúcar, Antonil oferece-nos 36 capítulos que detalham passo a passo toda a sua produção.

Como um jesuíta Antonil permeou sua obra com referências a religião, assim como outros jesuítas da época, falou sobre a importância da catequese dos escravos e da maneira como deveriam os senhores de engenho trata-los.

Capistrano de Abreu viria a empreender uma tentativa de escrever a bibliografia do jesuíta Antonil, porém não cumpria tal tarefa, ainda assim foi responsável por desvendar o enigma que rondava a identidade de Antonil já que o mesmo usava pseudônimo, desse modo Capistrano identificou que Antonil era o anagrama quase que perfeito para João Antonio Andreoni, o verdadeiro nome de Antonil.

Dado a importância atribuída ao ciclo da cana-de-açúcar por Antonil é que primeiramente procuramos observar a menção a estes pelos os dois autores que embasam nosso trabalho, visto que, conforme já mencionado anteriormente, Antonil dedica 36 capítulos de sua obra para falar sobre a opulência do açúcar, são três livros, cada um com 12 capítulos que trazem em sua essência o trabalho com a cana-de-açúcar, seu cultivo, todo o seu percurso no engenho até as últimas fases do fabrico do açúcar.

Assim Capistrano de Abreu fala da produção do açúcar no Maranhão e recorre ao estudo de Antonil para embasar sua explanação acerca dos engenhos, pois para Capistrano de Abreu, Antonil, tinha espírito investigador e bem descreveu a respeito do ciclo do açúcar, aqui Capistrano menciona, também, o espírito penetrante de Antonil, pois como podemos observar pela imagem anterior e pelo o que Silva (2007) escreveu a respeito da vivência de Antonil no Recôncavo Baiano pode-se constatar que o espírito penetrante a qual Capistrano de Abreu se refere com relação a Antonil é o de conhecer de perto e conviver em um lugar onde desenvolveu-se especialização acerca do cultivo produção do açúcar. Corrobora Capistrano de Abreu (1988, p. 92) que:

A obra de Andreoni, dividida em cinco partes, trata de engenhos e açúcar, de fumo, minas e gado. Sem amplificações, em forma tersa e severa, adunava algarismos e mostrava o Brasil tal qual se apresentava à visão de um espírito investigador e penetrante. Ficava-se agora sabendo da existência de cento e quarenta e seis engenhos, moentes e correntes na Bahia com a produção ânua de quatorze mil e quinhentas caixas de açúcar; de duzentos e quarenta e seis engenhos em Pernambuco; produzindo doze mil e trezentas caixas; de cento e trinta e seis engenhos no Rio, produzindo dez mil duzentas e vinte. Somava tudo trinta e sete mil e vinte caixas, de trinta e cinco arrobas cada uma, apurando 2.535:142\$800.

Em nossa tarefa de contrapor Antonil em relação a Capistrano de Abreu vemos que os dois apresentam concepções que se completam a respeito do Brasil Colonial, não obstante percebemos na obra de Capistrano a recorrência frequente a obra de Antonil para embasar seu estudo, assim, percebemos que os dois autores buscaram apresentar os ciclos econômicos brasileiros, Antonil mais do que Capistrano, visto que sua obra compõe-se basicamente de uma descrição destes ciclos, mais quanto aos produtos que consistiam na opulência do Brasil, embora apresentassem bem menos riqueza que o açúcar, o tabaco e as minas de ouro, Capistrano de Abreu (1988, p. 5) também mencionou no início de sua obra aqueles que serviram ao povo quando do princípio de ocupação do Brasil:

O povo brasileiro, começando pelo Oriente a ocupação do território, concentrou-se principalmente na zona da mata, que lhe fornecia pau brasil, madeira de construção, terrenos próprios para cana, para fumo, e, afinal, para café. A mata amazônica forneceu também o cravo, o cacau, a salsaparrilha, a castanha e, mais importante que todos os outros produtos florestais, a borracha. Os campos do Sul

produzem mate. Nos do Norte, em geral, e nas zonas de vegetação xerófila, plantam-se cereais ou algodão e pasta o gado. A obra do homem chama-se capoeira: terreno privado da vegetação primitiva, ocupado depois por vegetais adventícios cuja fisionomia ainda não assumiu feição bem caracterizada. Os capoeirões podem dar a ilusão de verdadeiras matas.

Para Paim (2012) as obras de Antonil e Capistrano de Abreu se agregam e dão valor uma a outra permitindo mensurações e intercalações sobre o período abordado, segundo o autor, Capistrano apresenta a verdadeira epopeia que foi o desbravamento do país abrindo caminhos que disseminaram o povoamento no Brasil, sendo possível observar em Capistrano de Abreu os núcleos a partir dos quais arquitetou-se o empreendimento que levaria a ocupação do sertão, estes núcleos foram São Vicente, Salvador, Pernambuco e Rio de Janeiro, a partir destes polos o povoamento e a formação territorial brasileira aconteceria, e desse modo verifica-se o avanço rumo ao sertão, o qual pode encontrar subsídios de conhecimento na obra de Antonil ao discutir os ciclos econômicos brasileiros no período Colonial.

Completando-se em informações, cabe nos ressaltar que, Capistrano de Abreu e Antonil em seus trabalhos trouxeram uma nova visão do sertão para a historiografia brasileira à medida que mostram que seu papel foi relevante na formação da nação brasileira, ambos dirigem seu olhar ao sertão e não contam uma história vista apenas do litoral, apresentam um Brasil de “dentro”, mostram o sertão como tudo que está fora do litoral.

Tanto Capistrano de Abreu, quanto Antonil apresentam em sua obra a evolução histórica pela qual o Brasil passou no período colonial, ambos trazem aspectos geográficos e políticos do território brasileiro quando de sua colonização, o interesse pelas riquezas que o Brasil oferecia e aspectos dos modos de vida dos colonizadores, bem como dos brasileiros, já que deve-se ressaltar que conforme Capistrano de Abreu os bandeirantes eram brasileiros e não mais colonizadores, foram sim desbravadores e povoadores do Brasil de dentro, que era rico e que possibilitava sobrevivência aqueles que nele assentavam, que permitia o desenvolvimento de atividades lucrativas e oportunidades de desenvolvimento aos seus habitantes.

Nesta perspectiva cabe-nos retomar o estudo de Antonil acerca da economia brasileira quando colônia de Portugal, visto que até aqui nos detivemos em uma

discussão acerca do açúcar e a opulência do mesmo, bem como procuramos mostrar que Capistrano de Abreu e Antonil colaboraram com seus estudos para o conhecimento da história que ronda o povoamento do sertão, sendo que os dois complementam-se a medida que Capistrano considera Antonil digno em suas concepções e descrições acerca do Brasil quando de sua colonização e povoamento.

Retomando nossa discussão sobre os ciclos econômicos apresentados por Antonil destacamos que apesar de serem menos discutidos, ao comprar-se com o açúcar ao qual o autor dispensou 36 capítulos, o tabaco, o gado e as minas de ouro também foram descritas por Antonil, atentamo-nos para a capa da primeira impressão do livro de Antonil:

Imagem 02- capa da primeira impressão do livro Cultura e Opulência do Brasil



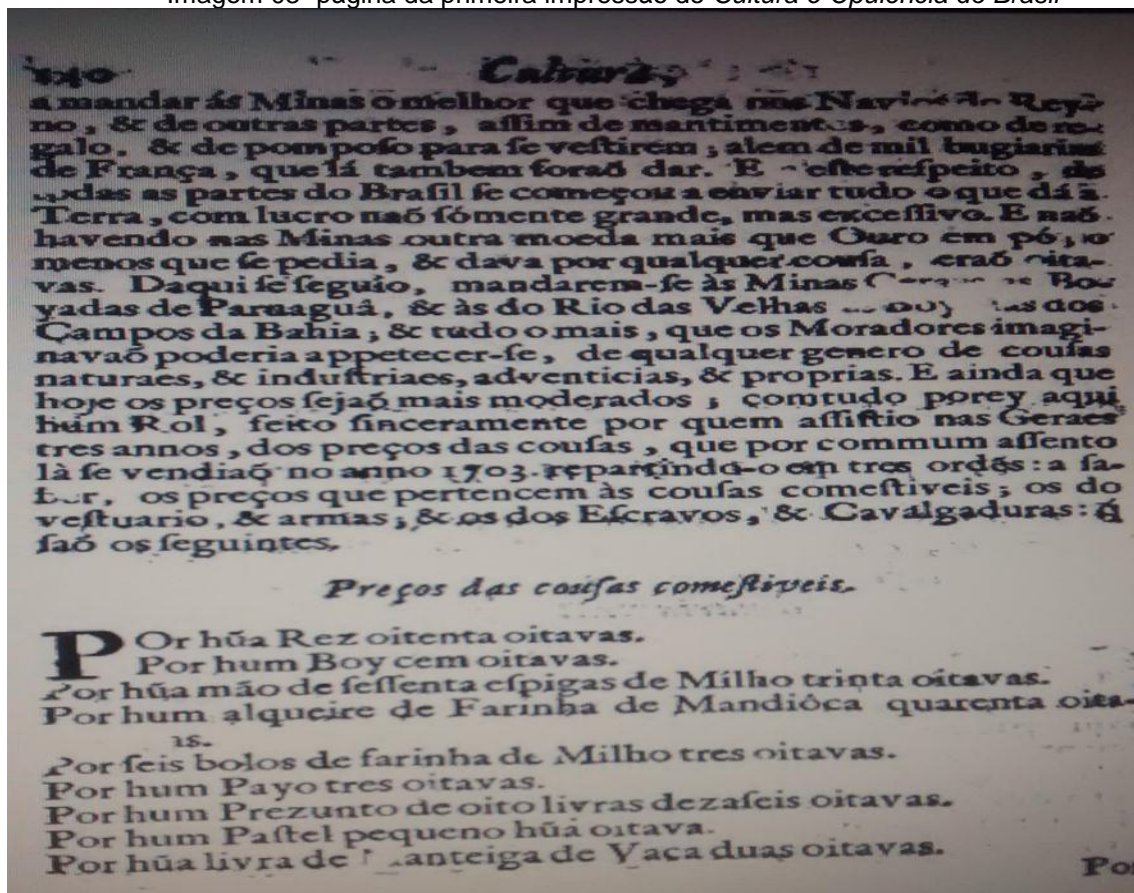
Fonte: Domínio Público

A própria capa do livro nos remete ao que Antonil aborda no mesmo, onde além do modo de plantar a cana e fazer o açúcar, mostra que irá tratar do

beneficiamento do tabaco, da forma como se tirar ouro das minas e a descoberta da prata.

Para Silva (2007) Antonil descreveu pouco acerca das minas de ouro e prata devido não ter conhecido jamais as mesmas, diferente do que ocorreu com o açúcar, onde o mesmo pode acompanhar todo o seu processo de produção no Recôncavo Baiano, a isso se deve a breve parte do livro que trata das minas de ouro e prata, o que escreveu fundamentou-se em relatos que as pessoas lhe forneceram, pessoas estas que estiveram nas minas e participaram do seu descobrimento, que estiveram presentes nas mesmas ou que simplesmente conheciam a história destas. De acordo com Silva (2007) o capítulo VII do livro de Antonil é uma prova de que sua descrição sobre as minas é fundamentada nos depoimentos de pessoas que nas minas estiveram e que ele basicamente não é o autor desta parte do estudo, apenas o escreveu com base em um depoimento. Observemos a página 140 da impressão original do livro de Antonil.

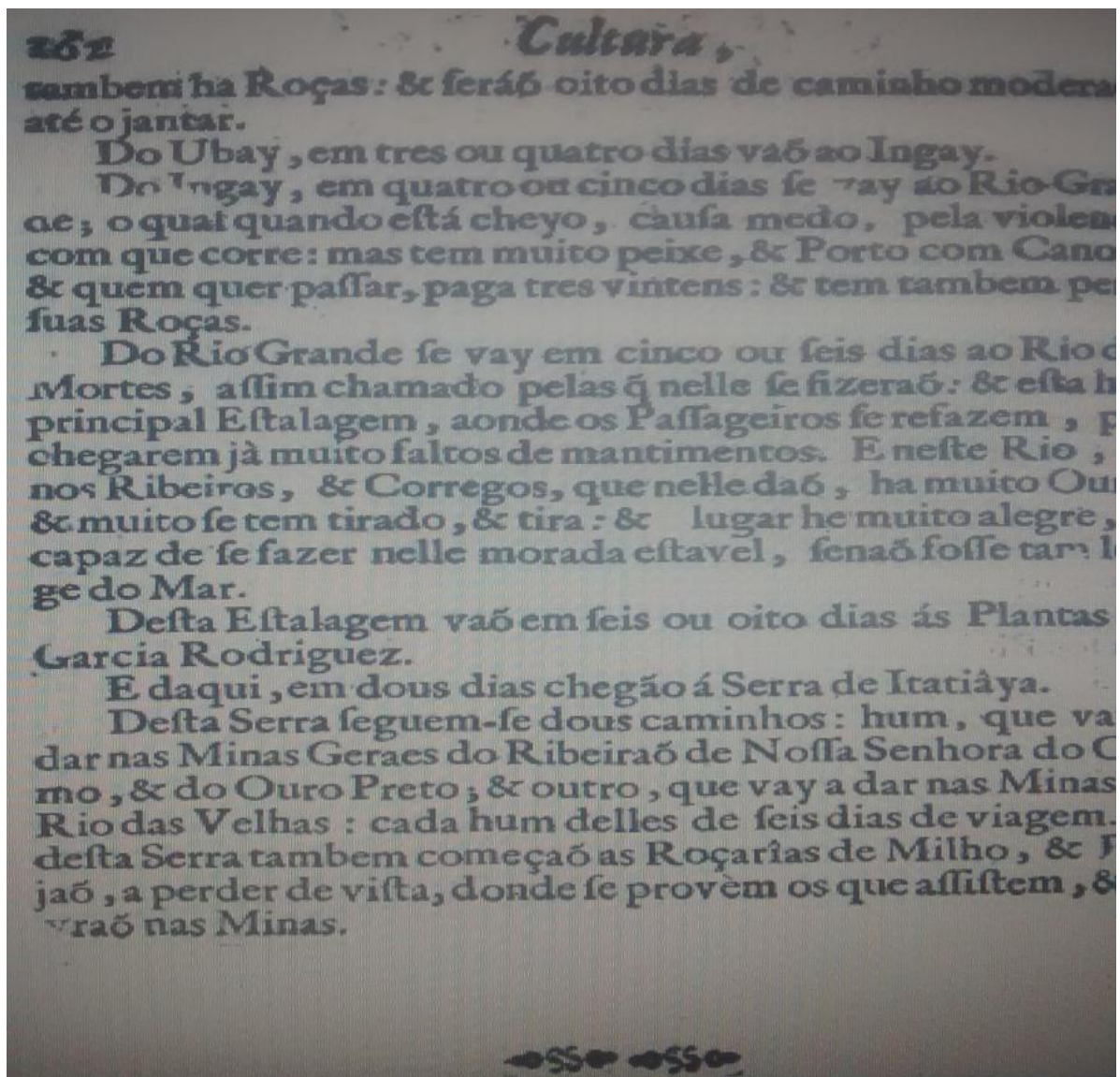
Imagem 03- página da primeira impressão de *Cultura e Opulência do Brasil*



Pela menção de Antonil na página 140 vemos que ele passa a descrever os preços de coisas que vendiam nas minas com base em quem nas Gerais assistiram por três anos. Desse modo tornamos a salientar com base em Silva (2007) e na própria obra de Antonil que boa parte do terceiro livro de *Cultura e Opulência do Brasil* não foi escrito propriamente pelo o mesmo.

Ainda conforme Silva (2007) os capítulos X, XI, XII e XVI do terceiro livro evidenciam que os dados referentes mineração da prata foram traduzidos de algum texto castelhano, visto que é possível se observar o vocabulário hispânico nestes capítulos, portanto apresentamos fragmentos do texto do capítulo X onde podemos observar a procedência da afirmação de Silva (2007):

Imagem 04- página da primeira impressão de *Cultura e Opulência do Brasil*



E Capistrano de Abreu usa mais uma vez das informações dispostas por Antonil em seu livro *Capítulos de História Colonial* para tratar da descoberta de minas e do modo como viviam os mineiros, observamos, pois algumas referências de Capistrano de Abreu as informações prestadas por Antonil acerca das minas de ouro, a primeira fala das primitivas lavras de ouro encontradas.

Antonil-Andreoni parece mais próximo da verdade, quando diz a respeito destas primitivas lavras “que de um outeiro alto distante três léguas da vila de S. Paulo, a que chamam Jaraguá, se tirou quantidade de ouro que passava de oitavas a libras. Em Parnaíba, também junto da mesma vila no serro Ibituruna, se achou ouro e tirou-se por oitavas. Muito mais e por muitos anos se continuou a tirar em Parnaguá e Curitiba, primeiro por oitavas, depois por libras, que chegaram a alguma arroba posto que com muito trabalho para o ajuntar, sendo o rendimento no catar limitado”. (ABREU, 2000, p. 78).

Em outra menção a Antonil, Capistrano de Abreu procura subsídios no mesmo acerca da descoberta das Minas Gerais e assim explica tomando por base a obra de Antonil:

De Minas Gerais o nome indica a fartura, a onipresença dos haveres. Quem os descobriu primitivamente é impossível apurar, tanto se contradizem as versões; o fato ocorreu pouco depois de 1690. Segundo Antonil-Andreoni, um mulato de Curitiba encontrou no riacho chamado Tripuí uns granitos cor de aço, que vendeu em Taubaté a Miguel de Sousa por meia pataca a oitava; levados ao Rio reconheceu-se neles ouro finíssimo. Foi este o primeiro descoberto. (ABREU, 1988, p.79)

E em uma terceira menção ao jesuíta autor de *Cultura e Opulência do Brasil*, Capistrano de Abreu vem a mostrar a concepção de Antonil a respeito da condição dos mineiros e da abundância do ouro, informando o autor que viviam bem, a mediada que o ouro era encontrado em abundancia, possibilitando o pagamento de tudo o que precisassem os homens das minas.

“Não se pode crer o que padeceram ao princípio os mineiros por falta de mantimentos, achando-se não poucos mortos com uma espiga de milho na mão sem terem outro sustento”, informa Antonil-Andreoni. “Porém tanto que se viu a abundância do ouro que se tirava e a largueza com que se pagava tudo o que lá ia, logo se fizeram estalagens e logo começaram os mercadores a mandar às minas o melhor que chega nos navios do Reino e de outras partes, assim de mantimentos como de regalo e de pomposo para se vestirem, além de mil bugiarias de França, que lá também foram dar... E não havendo nas minas outra moeda mais que ouro em pó, o menos que

se pedia e dava por qualquer coisa eram oitavas. (ABREU, 1988, p.79)

Capistrano de Abreu menciona a descoberta das minas como motivo que levou muitas pessoas a seguirem adentro pelo sertão, já que conforme Capistrano de Abreu muitas minas estavam pelo o mesmo, portanto dever-se-ia plantar e colher os mantimentos para leva-los consigo quando da procura do ouro.

Passando por alguns dados acerca da descoberta de minas e das probabilidades de alimentação nas mesmas, Capistrano de Abreu vem a tratar das Minas Gerais e sua abundância, Antonil é referência para Capistrano de Abreu em sua abordagem sobre as minas e suas abundâncias, sem deixar de apresentar novos dados que levavam a uma visão mais clara acerca do sertão, indo além de aspectos econômicos.

Essa busca de Capistrano de Abreu aos escritos de Antonil demonstra a sua preocupação em buscar fontes e documentos que levam aos esclarecimentos dos fatos ocorridos no Brasil Colonial. Capistrano busca interpretar a evolução do Brasil Colonial situando o acontecimento e o espaço.

Antonil mais se preocupa em detalhar, trazer esclarecimentos a respeito da economia brasileira, assim já percebemos que o faz com primazia o detalhamento de todo o processo que envolve o cultivo da cana-de-açúcar e a fabricação do açúcar e quanto à exploração das Minas recorre a sujeitos que lhes fornecem informações sobre as mesmas, passamos então tratar do tabaco, pois segundo pode ser observado em Antonil nos doze capítulos que destina a este produto, explica muito bem todo o seu plantio e nos dá esclarecimentos sobre o processo de fabricação e comercio do mesmo.

Quanto ao tabaco Capistrano de Abreu faz poucas menções ao mesmo, mas trata de informar que era cultivado por negros, brancos e indígenas, por livres e cativos, era produto que dava bom lucro, sem descrições detalhadas, sem esclarecimentos acerca de sua produção e venda. O que Capistrano de Abreu faz é apenas inserir cada elemento no processo de evolução do Brasil no século XVII é mostrar como a mesma levou ao povoamento do sertão, Antonil é detalhista dos ciclos econômicos fornece números e dados precisos sobre os mesmos.

A pecuária como nenhum outro ciclo econômico mostrou o sertão na Visão de Antonil. Em Capistrano de Abreu ela encontrou seu lugar de respaldo quando do reconhecimento de sua significância para o povoamento do sertão.

A descrição da riqueza do gado empreendida na obra de Antonil encontra quatro capítulos no qual o autor descreve a extensão das áreas de criação, como se dava a locomoção do gado para os lugares onde ocorria a venda do gado e o preço das reses.

O custo do couro do gado em cabelos e beneficiados também são discutidos por Antonil, tanto no Brasil quanto em Portugal, descreve o montante das remessas e o seu rendimento para a metrópole.

O gado em Capistrano de Abreu aparece como elemento de suma importância para a ocupação do sertão, Antonil também enxergaria esta importância, porém seu valor econômico e a riqueza que agregava ao Brasil seria o principal objetivo da abordagem do mesmo em sua obra.

Antonil reconhecia que os moradores do Brasil eram importantes para a economia da metrópole, o que levava a defender a ideia de que Portugal deveria reconhecer a utilidade do brasileiro para o seu acúmulo.

Capistrano de Abreu também conhecia a importância do Brasil e dos brasileiros na geração da riqueza do Brasil, porém vai além das descrições técnicas empreendidas por Antonil, e no caso do gado, a qual nos debruçamos agora, Capistrano de Abreu informa o povoamento que o mesmo ocasionou no sertão, cita que:

nos rios Piauí e Canindé, nas ribeiras do Ceará, a uma e outra margem do São Francisco já abundavam fazendas de gado e deviam existir numerosas vias de comunicação. Com o gado desta procedência povoaram-se os sertões de Pastos Bons, cujas transações durante algum tempo se fizeram só com a Bahia, exatamente como as de Pernambuco a montante de Paulo Afonso. (ABREU, 1988, p.70)

O gado esteve presente fortemente no Maranhão, era uma riqueza dessa terra que Capistrano de Abreu comenta ter tido sua agricultura decadente o que veio a enfraquecer a Capitania, mas o gado encontrava pastos favoráveis, assim “em 1751 a capitania contava oito freguesias, cinco engenhos de açúcar, duzentas e três fazendas a criar gado, das quais quarenta e quatro em Pastos Bons e trinta e cinco em Aldeias Altas”. (ABREU, 1988, p.70).

Capistrano de Abreu ressalta a importância do gado para as áreas em que não se dava a cana-de-açúcar e cita todas as facilidades que encontrava a economia baseada na criação de gado, conforme o autor:

O gado *vacum* dispensava a proximidade da praia, pois como as vítimas dos bandeirantes a si próprio transportava das maiores distâncias, e ainda com mais comodidade; dava-se bem nas regiões impróprias ao cultivo da cana, quer pela ingratidão do solo, quer pela pobreza das matas sem as quais as fornalhas não podiam laborar; pedia pessoal diminuto, sem traquejamento especial, consideração de alta valia num país de população rala; quase abolia capitais, capital fixo e circulante a um tempo, multiplicando-se sem interstício, fornecia alimentação constante, superior aos mariscos, aos peixes e outros bichos de terra e água, usados na marinha. De tudo pagava-se apenas em sal; forneciam suficiente sal os numerosos barreiros dos sertões.

A criação de gado primeiro se desenvolveu nas cercanias da cidade do Salvador; a conquista de Sergipe estendeu-se à margem direita do São Francisco. Na outra margem veio dar menos forte e menos acelerado o movimento idêntico partido de Pernambuco. Ao romper a guerra holandesa estavam inçadas de gado as duas bandas do rio em seu curso inferior. Nem por outro motivo as incorporou

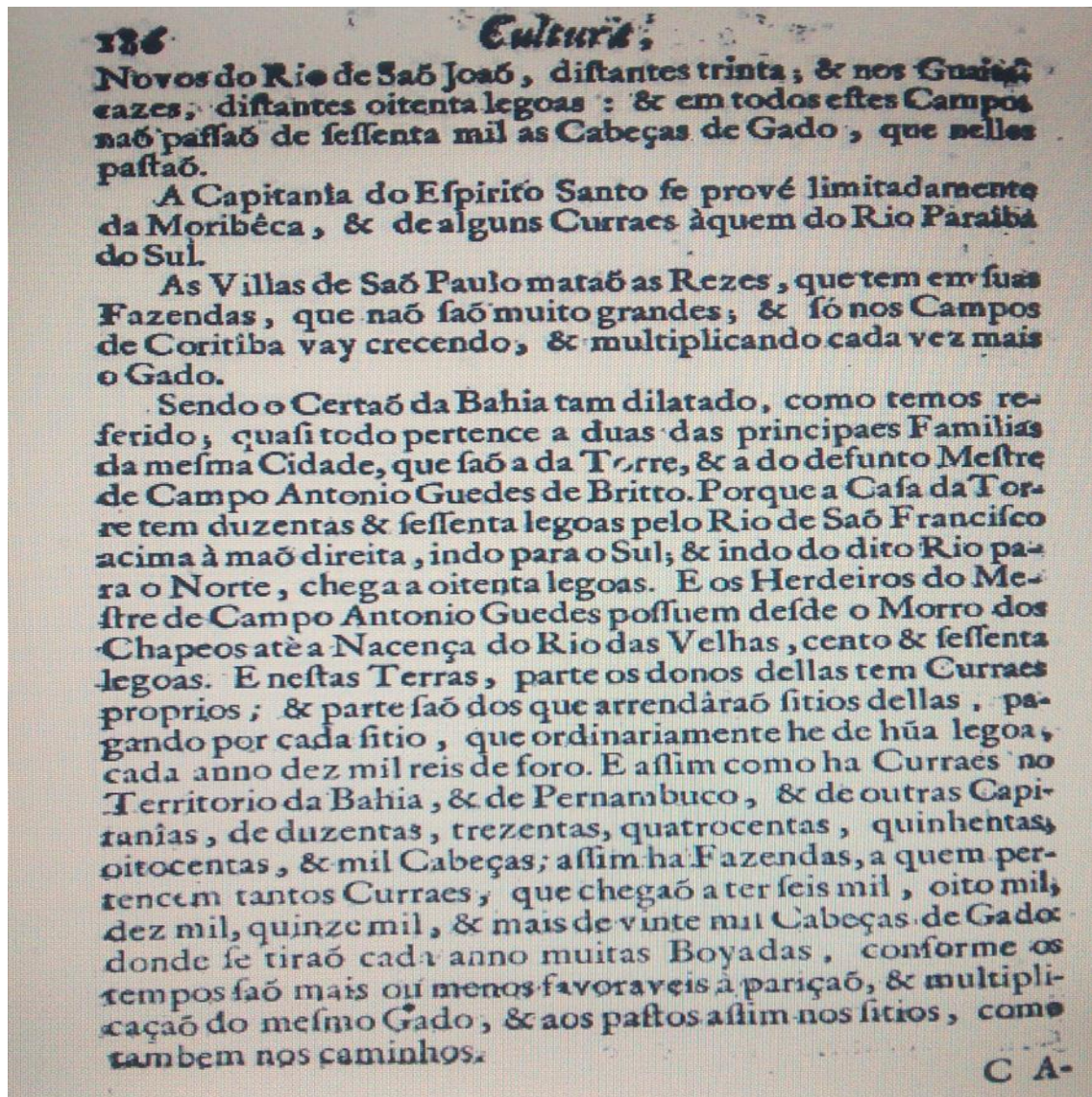
Maurício de Nassau ao território da Companhia das Índias Ocidentais, e os patriotas da liberdade divina com tanto afinco as defenderam. Foi o gado acompanhando o curso do São Francisco. O povoado maior, a Bahia, atraiu todo o da margem meridional, que para lá ia pôr um caminho paralelo à praia, limitado pela linha dos vaus. Mais tarde, à medida que a criação se afastou do litoral, outros caminhos se tornaram necessários. Um dos mais antigos passava por Pombal no Itapecuru, Jeremoabo no Vasabarris, e atingindo o São Francisco acima da região encachoeirada, chamou o gado da outra margem. Esta, pertencente a Pernambuco por todos os títulos, ficou de fato baiana, foi povoado por baianos, e como o chapadão do São Francisco se estreita depois da grande volta, onde ao contrário atinge sua maior expansão o do Parnaíba, consumou-se aqui a passagem de um para o outro, e encontraram-se os baianos com a gente vinda do Maranhão. O riacho do Terra Nova e o do Brígida facilitaram a marcha para o Ceará. Pelo do Pontal e pela serra dos Dois Irmãos passaram os caminhos do Piauí. Nem o Parnaíba teve poder para conter a onda invasora: Pastos Bons foi povoado por baianos, e até meados do século XVIII teve comunicações exclusivamente com a Bahia.

Assim, embora Antonil tenha destacado também o papel colonizador do gado, podemos observar que Capistrano de Abreu descreve todo o processo de desenvolvimento do gado *vacum* pelo o sertão se afastando do litoral e obrigando a desvendar novos caminhos.

Abaixo uma imagem da primeira edição do livro de Antonil *Cultura e Opulência do Brasil*, uma citação acerca do sertão baiano e das famílias que

dominavam suas terras, já referida, anteriormente quando ao tratarmos da visão de sertão em Antonil, mas que se faz pertinente ao tratarmos da criação de gado e ao contrapor a visão de Antonil e Capistrano de Abreu acerca do povoamento do Brasil e do desbravamento do sertão, à medida que procuramos mostrar que, embora, acreditando que as obras de ambos complementam-se e são ricas em conjunto ao mostrar o desbravamento do sertão e as riquezas do Brasil, elas diferem muito a respeito de como abordar as riquezas e o povoamento, sendo que mais uma vez ressaltamos a tecnificação da obra de Antonil, a riqueza de dados e números, apresenta estatísticas, como bem é possível observar quando dessa passagem sobre o gado.

Imagem 05- página da primeira impressão de *Cultura e Opulência do Brasil*



Assim, fazendo este contraponto entre Antonil e Capistrano de Abreu na procura de identificar a visão de sertão entre os dois autores que constituem-se em duas fontes historiográficas de grande valor para analisar, estudar e conhecer a história do Brasil, de suas riquezas e de seu povoamento, acima de tudo são de suma importância para observar tudo que está de fora do litoral, portanto, o sertão.

Como já mencionamos há diferenças na forma como os autores abordam o sertão, mas há também de se ressaltar que, como nos deixa claro a recorrência de Capistrano a Antonil para contar sua história acerca da riqueza e do povoamento das terras de dentro do Brasil a permeação que elas permitem uma com a outra.

É preciso também atentar para o fato de que Capistrano de Abreu era brasileiro proveniente das terras do Ceará e por isso há de se ter uma sensibilidade maior ao mencionar a colonização do sertão, como pode ser percebida ao retratar a ação das bandeiras na captura do indígena, não era o bandeirante, somente que Capistrano via a trucidar o povo indígena era o brasileiro, a matar seu princípio a inferir contra a si mesmo.

Já Antonil era um padre jesuíta, proveniente de outro país, a Itália, foi uma das autoridades eclesiástica da Bahia e teve relações diretas com governadores-gerais da capitania, o que justifica sua preocupação com a economia do Brasil, visto que devido a sua proximidade com os governadores-gerais sugere uma troca de ideais com os mesmos.

Portanto, o que pretendemos deixar aqui é a importância da visão lançada sobre o sertão por Capistrano de Abreu e Antonil em uma época em que a historiografia mantinha uma visão do Brasil a partir do litoral e o sertão não tinha reconhecida a importância de suas terras e suas riquezas, trouxe-lhe à tona Antonil e Capistrano respectivamente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao considerarmos Antonil, Capistrano de Abreu e suas obras, encontramos marcadamente a visão de sertão que estes autores no delinear de sua história, foram apresentando cada um de sua forma.

Pensar sertão nas obras de Capistrano de Abreu e Antonil é pensar no vaqueiro, nos bandeirantes, nos índios, nos homens livres, nas Capitânicas e seus donatários, é pensar a riqueza, as dificuldades, a vida a ser desbravada, o Brasil de dentro.

As obras de Antonil e Capistrano de Abreu apresentam uma nova perspectiva para a historiografia brasileira, que até então, enxergava uma visão de Brasil a partir do litoral, estes autores contaram uma história que permitiu saber a verdadeira riqueza que o Brasil dispunha para Portugal, colocando em foque a riqueza que considerada por mínima era de grande importância dentro do sistema colonial.

Quanto as obras em que buscamos perceber a visão de sertão de seus autores, podemos dizer que elas se complementam à medida que Antonil descreveu com presteza os ciclos econômicos brasileiros e que Capistrano de Abreu soube tão bem aproveitar para construir seu estudo sobre o sertão. Assim acreditamos que estas obras não se excluem, mas complementam-se colaborado para a percepção de sertão como lugar privilegiado.

Não obstante, cabe ressaltar que Capistrano de Abreu em *Capítulos de História Colonial* afirma que *Cultura e Opulência do Brasil por suas drogas e minas* ensinava o segredo do Brasil para os próprios brasileiros, à medida que mostrava toda a riqueza de suas terras, ao mesmo passo que justificava suas pretensões e esclarecia toda a sua grandiosidade. Este é o pensamento de Capistrano de Abreu acerca do trabalho desenvolvido por Antonil no intuito de esclarecer as riquezas do Brasil e nessa descrição de riquezas, Antonil nos leva, também, a viajar pelo o Brasil de dentro e observar a riqueza que não provem do litoral.

A análise desse tema torna-se assim, relevante porque, no campo acadêmico, propiciou uma revisão do papel que cumpre até então, o sertão, somado ainda ao fato de que remete às relações de dominação que foram culturalmente estabelecidas entre colônia e metrópole, que, por sua vez, se vincula também à uma suposta oposição entre sertão e litoral.

Assim, esperamos que nosso trabalho tenha relevância para o conhecimento do sertão e de suas riquezas, à mediada que por meio das obras de Antonil e Capistrano de Abreu, procuramos mostrar o quão fascinante é a história do sertão e o quão relevante para o meio acadêmico é seu estudo, esperamos, assim, contribuir para que surjam novas pesquisas que venham a apresentar o sertão e sua relevância na construção da nação brasileira.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, João Capistrano de. **Capítulos de História Colonial**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1988.

ALEXANDRE, Luís Fernando Pessoa. **Antonil e as Instituições Coloniais do Brasil-Colônia na Virada do século XVII Para o Século XVIII**: Uma Análise das Relações entre o Poder Espiritual e o Poder Temporal. 2012. Disponível em: <http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pdf/st12/Alexandre,Luis.pdf>. Acesso em: 14 de julho de 2014.

ANTONIL, A. J. **Cultura e opulência do Brasil por suas drogas e minas**. São Paulo: Itatiaia, 1982.

BARROS, José D'assunção. **Dois Fases De Capistrano De Abreu**: notas em torno de uma produção historiográfica. 2010. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/viewFile/6549/4748>. Acesso em: 17 de julho de 2014.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

CORRÊA, Dora Shellard. **Capistrano de Abreu e Descrição da Paisagem**. ANPUH – XXII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – João Pessoa, 2003. Disponível em: <http://anpuh.org/anais/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S22.177.pdf>. Acesso em 17 de julho de 2014.

FORTE, Vinícius Limaverde. **Capistrano de Abreu e a Construção da História da Colonização Brasileira a partir do Sertão**. 2014. Disponível em: <http://www.sbpnet.org.br/livro/62ra/resumos/resumos/5843.htm>. Acesso em: 19 de julho de 2014.

GONTIJO, Rebeca. **Capistrano de Abreu, viajante**. Rev. Bras. Hist. vol.30 nº. 59 São Paulo June 2010. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-01882010000100002&script=sci_arttext. Acesso em: 15 de julho de 2014.

MARQUESE, Rafael de Bivar. **Feitores do corpo, missionários da mente: senhores, letrados e o controle dos escravos nas Américas, 1660-1860**. São Paulo, Companhia da Letras, 2004.

PAIM, Antonio. **Principais fontes para o estudo da história do Brasil. 2012.**

Disponível em:

http://www.flc.org.br/revista/materias_view92ec.html?id=%7BC012EAAD-85C2-43BA-9054-CC5BE26450A0%7D. Acesso em: 25 de julho de 2014.

REIS, J.C. **As Identidades do Brasil: de Varnhagen à FHC.** São Paulo: FGV, 2000.

SECRETO, M.V. **Capistrano de Abreu e J.F. Turner: a historiografia nacional e a história ambiental.** Estudos sociedades e agricultura, v. 14, n. 02. Rio de Janeiro, 2006.

SILVA, Andréa Mansuy-Diniz. **Atribulada obra rara.** 2011. Disponível em:

<http://www.revistadehistoria.com.br/secao/leituras/atribulada-obra-rara>. Acesso em: 30 de junho de 2014

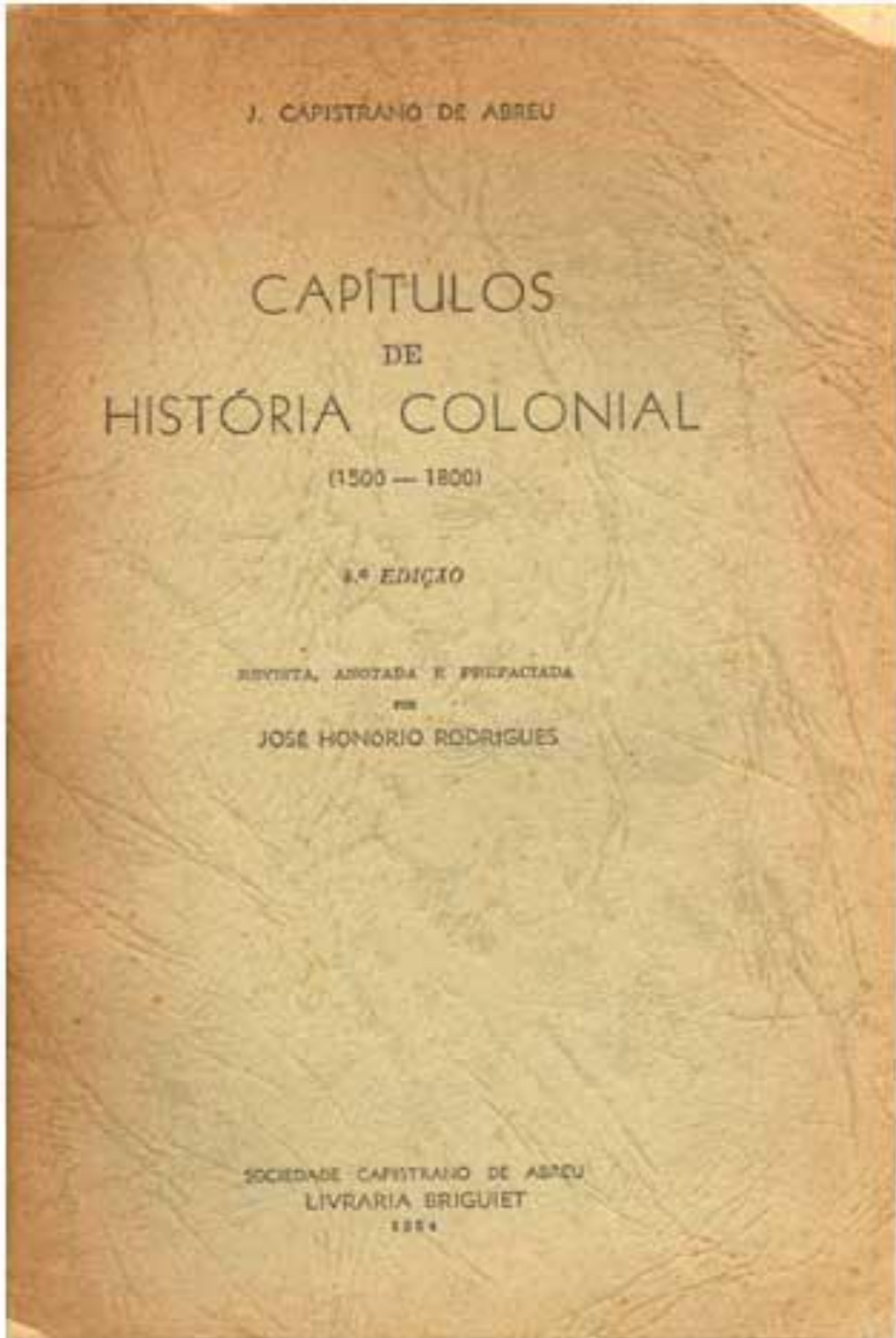
_____, **Cultura e Opulência do Brasil por suas drogas e minas. Introdução e notas por Andréa Mansuy-Diniz Silva.** 2007. Disponível em:

<http://books.google.com.br/books?id=d0HtkBFU-2QC&pg=PA32&lpg=PA32&dq=Capistrano+de+abreu+e+Antonil&source=bl&ots=d-Nt91-G0&sig=3yly7ar88mBnRxrMQyVWqqPyGhM&hl=pt-BR&sa=X&ei=bAvTU8SAM8TrigLgzYEQ&ved=0CB4Q6AEwAA#v=onepage&q=Capistrano%20de%20abreu%20e%20Antonil&f=false>. Acesso em 25 de julho de 2014.

VOSS, Jefferson. **Os Sentidos de Nação em Capítulos de História Colonial: por uma análise semântica do texto.** Fórum Linguístico, Florianópolis, v. 9, n. 2, p. 145-152, abr./jun. 2012. Disponível em:

<https://periodicos.ufsc.br/index.php/forum/article/view/1984-8412.2012v9n2p145/23075>. Acesso em 23 de julho de 2014.

ANEXOS



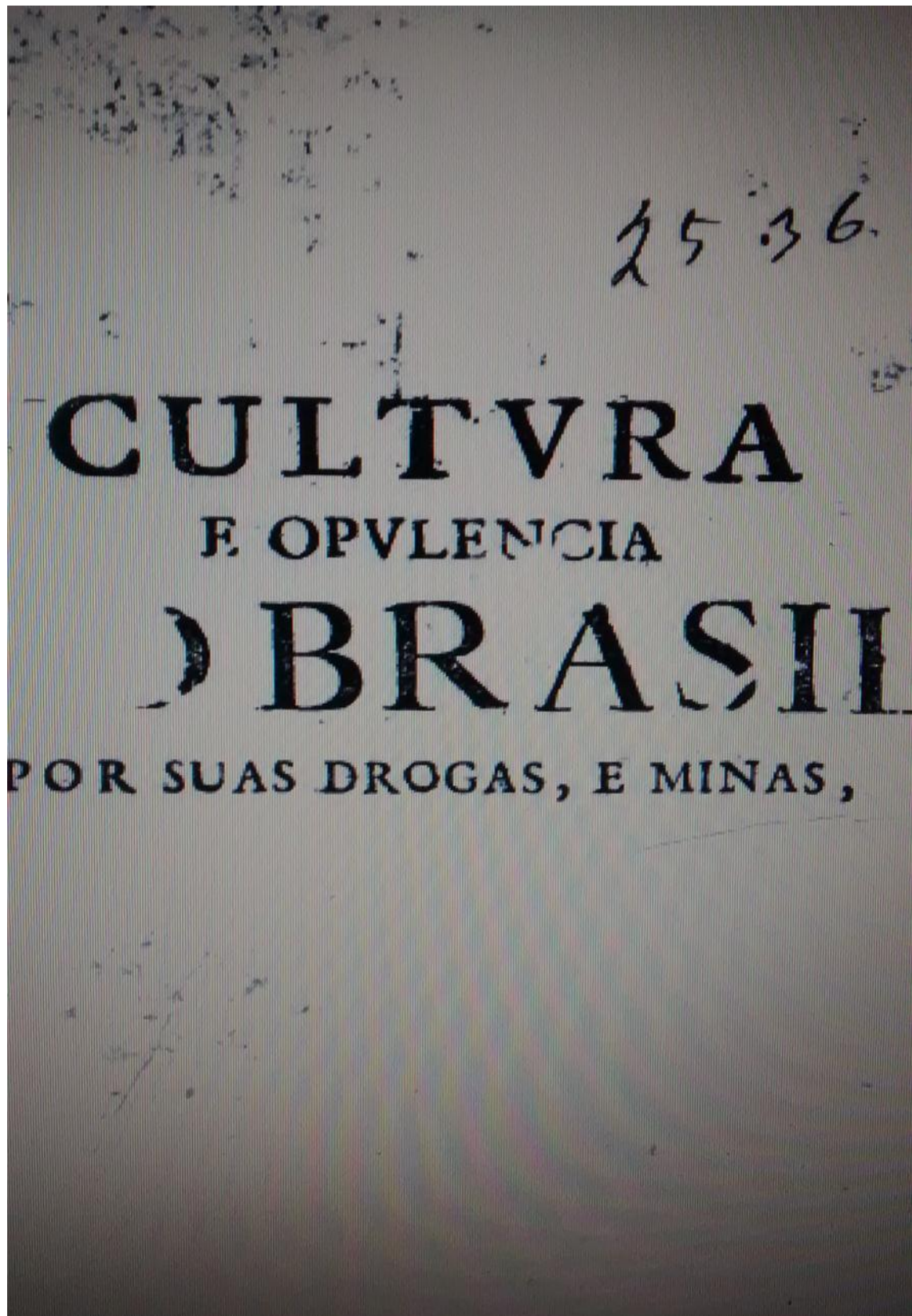
Anexo I-Capa da primeira impressão de *Capítulos de História Colonial*

Fonte: Domínio público



Anexo II-Capistrano de Abreu

Fonte: Domínio Público



Anexo III- Imagem da Primeira Impressão de *Cultura e Opulência do Brasil*

Fonte: Domínio público